

A 30/1 janeiro 1977
Liahona



A Liahona

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

CAPA:

*Nossa capa pintada pela artista
Lyle Beddes retrata o profeta Ezequiel,
que profetizou o advento de
dois livros de Escritura: a Bíblia e
o Livro de Mórmon.
O curso para os próximos dois anos da classe
"Doutrina do Evangelho" é
a vara de José — Livro de Mórmon.
Com esta edição
introduzimos o curso do primeiro ano, de
1 Néfi até Alma capítulo 29.*

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência: **EXAMINAIS AS ESCRITURAS**, Presidente Spencer W. Kimball.
- 4 Ensinar as Escrituras aos Nossos Filhos: **É SUA A RESPONSABILIDADE**, Tom G. Rose.
- 6 **FAZENDO VIVER AS ESCRITURAS**, Jeffrey R. Holland.
- 22 Diário Mórmon
- 22 **ALMA 32 MUDOU MINHA DISPOSIÇÃO**, Elmer J. Barberi.
- 23 **UM SUECO DO DAKOTA DO SUL E O LIVRO DE MÓRMON**, Gerald E. Jones.
- 25 **MINHA AVÓ SONHO QUE ESTAVA LENDO**, Lucetta Atkinson.
- 12 **GRÁFICO CRONOLÓGICO DO LIVRO DE MÓRMON**.
- 11 Tenho uma pergunta.
- 11 **LIVRO DE MÓRMON — O LIVRO MAIS CORRETO**, Monte Nyman.
- 8 **COMEÇA COM UMA FAMÍLIA**, Arthur R. Bassett.
- 28 Tenho uma pergunta.
- 28 **POR QUE NEFI MATOU LABÃO**, Jeffrey R. Holland.
- 25 **O LIVRO DE MÓRMON ME ENSINOU A BÍBLIA**, John F. Heidenreich.
- 29 Atualidade.
- 29 **DADA A RELAÇÃO ENTRE O BISPO E O PRESIDENTE DOS ELDERES**.
- 30 **PERFIL DE UM LÍDER**, José B. Puerta
- 33 **MEU TESTEMUNHO**
DECLARAÇÕES DA IGREJA SOBRE O ABORTO
34 "CADA MEMBRO UM MISSIONÁRIO", José B. Puerta
35 **NOTÍCIAS SOBRE O TEMPLO**, Maria Antonia Brown
37 **CONFERÊNCIAS DA ESTACA**
- SEÇÃO INFANTIL**
13 **UM CORAÇÃO EM PAZ**.
14 **VOCE NÃO PODE FICAR COMPLETAMENTE SEM FAZER NADA**.
16 **SÓ PARA DIVERTIR**.
18 **JOSÉ**, Brenda Broxham.
20 **HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON (Hino)**
MARCADOR DE LIVRO — SUPLEMENTO
i. Estudo do Livro de Mórmon.
ii. Formulário para Assinaturas de A Liahona
iii. Marcador de Livro do Livro de Mórmon (lista de leitura).
- 27 **AS SETE LINHAGENS DE LEHI**



REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Edição do Livro de Mórmon

Os artigos e características do número especial d'A Liahona foram selecionados para ajudar no estabelecimento de um alicerce para sua apresentação do Livro de Mórmon — de 1 Néfi a Alma 29.

Ao estudar este ano tais capítulos do Livro de Mórmon, em suas aulas de Doutrina do Evangelho, na Escola Dominical e em seus Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque e reuniões da Sociedade de Socorro, você desejará ler cuidadosamente A Liahona todos os meses, a fim de obter características adicionais suplementares que coincidirão com os materiais das lições que estudará.

Talvez você conheça outros que não estão tirando vantagem das perspectivas especiais que podem ser fornecidas por A Liahona. Nesse caso, dê um presente de A Liahona — o perfeito companheiro de estudos.

Comece recortando o marcador de livro de aula de Doutrina do Evangelho com sua designação semanal de leitura. Estude as Escrituras. Traga seus amigos à Igreja. E dê-lhes A Liahona.

Você encontrará um formulário de assinatura no verso.



nomens. Muitos foram batizados e receberam um testemunho e embora tenham “entrado neste caminho reto e apertado”, têm, entretanto, falhado em dar o

esidência

IS

AS

al requerido — o de “prosseguides, **bans com a palavra de Cristo** e perseveran-” (2 Né. 31:19, 20; *itálicos acrescidos*.)

os fiéis receberão a recompensa prome-
hor, que é a vida eterna. Pois não pode-
vida eterna sem nos tornarmos “cumpri-
avra” (Tiago 1:22) e valentes na obe-
andamentos do Senhor. E não podemos
cumpridores da palavra” sem primeiro
s “ouvintes.” E tornarmo-nos “ouvintes”
mente permanecer ociosamente de lado,
las informações que nos cheguem por
m procurar, estudar, orar e compreender.
Senhor disse: “E quem não recebe a
não a conhece e não é meu.” (D&C

o encorajamento e estímulo constantes
os de nossos líderes atuais da Igreja, os
gos parecem clamar-nos em quase cada
nas das Escrituras, incitando-nos a estu-
do Senhor, as sagradas Escrituras, “que
e sábio para a salvação, pela fé que há
us.” (II Tim. 3:15.) Mas nós nem sem-
e bem nos podemos perguntar por quê.

parece que não ligamos muito às Es-
não apreciarmos plenamente quão exce-
o é possuí-las, e quão abençoados somos
recemos ter-nos estabelecido tão confor-
nossas experiências neste mundo, e
do tanto a ouvir o Evangelho, que é
untem imaginar que possa ser de outra forma.

Mas precisamos compreender que faz apenas
156 anos que o mundo emergiu da longa noite de es-

A Liahona

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

CAPA:

Nossa capa pintada pela artista
Lyle Beddes retrata o profeta Ezequiel,
que profetizou o advento de
dois livros de Escritura: a Bíblia e
o Livro de Mórmon.
O curso para os próximos dois anos da classe
"Doutrina do Evangelho" é
a vara de José — Livro de Mórmon.
Com esta edição
introduzimos o curso do primeiro ano, de
1 Néfi até Alma capítulo 29.

HISTÓRIA

- 1 Mensagem
- 2 AS ESCOLAS
- 4 Ensinar
- 5 E SUA
- 6 FAZEM
- 7 Holland
- 22 Diário
- 22 ALMA
- 23 Barberi.
- 23 UM SU
- 24 DE MO
- 25 MINHA
- 26 Lucetta
- 12 GRAFIA
- 12 DE MO
- 11 Tenho
- 11 LIVRO
- 12 CORRE
- 8 COMEÇ
- 28 Tenho
- 28 POR Q
- 25 O LIVR
- 26 John F.
- 29 Atualid
- 29 DADA
- 30 PRESIL
- 33 PERFIL
- 33 MEU T
- 34 DECL
- 34 "CADA
- 35 NOTIC
- 37 CONFE
- SEÇÃO II
- 13 UM CO
- 14 VOCE
- 15 SEM F
- 16 SO PA
- 18 JOSÉ,
- 20 HISTÓ
- MARCADO
- i. Estudo
- ii. Formul
- iii. Marcado
- (lista de
- 27 AS SET

REGISTRO: e
o n.º 1151-P 2
SUBSCRIÇÕES
Caixa Postal 1
US\$ 5,00; aér
mudanças de
A LIAHONA
Todos os direi
dos Últimos Di
e Periódicos,
também em a
norueguês, sam

Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Formulário de Requisição de Assinatura D'A Liahona

Queiram enviar uma assinatura de um ano d'A Liahona, iniciando-se com o mês de _____ para as pessoas abaixo relacionadas. Estou incluindo a quantia de Cr\$ 20,00 relativa a cada assinatura.

A LIAHONA

Centro Editorial Brasileiro
Rua São Tomé, 520 (Vila Olímpia)
Caixa Postal 19079
São Paulo

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

PAÍS _____

ALA _____

ESTACA _____

PRESENTE DE _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

PAÍS _____

ALA _____

ESTACA _____

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

PAÍS _____

ALA _____

ESTACA _____

PRESENTE DE _____

ENDEREÇO _____

REMESSA TOTAL ANEXA _____

MARCADOR DE LIVRO DO LIVRO DE MÓRMON



Designações de leitura para o curso de Doutrina do Evangelho — 1977-78:

Março

Joseph Smith 2 (Pérola de Grande Valor); frontispício do Livro de Mórmon; Jacó 1:2-8; 1 Néfi 1-2, 6, 9.

Abril

1 Néfi 3-5, 7-8, 10-12, 15.

Maio

1 Néfi 13-14, 16-22.

Junho

2 Néfi 1-8, 10.

Julho

2 Néfi 9, 11-24.

Agosto

2 Néfi 25-30.

Setembro

2 Néfi 31-33; Jacó 1:1 a 4:12; 7.

Outubro

Jacó 4:13 a 6:13; Ênos.

Novembro

Jarom, Ômni, Palavras de Mórmon; Mosíah 1-6, 9-13.

Dezembro

Mosíah 7; 14:1 a 21:21; 23:1-19.

Janeiro

Mosíah 8, 21:22 a 22:16; 23:20 a 29:47; Alma 1-8.

Fevereiro

Alma 9-29.

Examine a A Liahona a cada mês a fim de ler os des-
taques referentes às Escrituras que você está estudando!

nomens. Muitos foram batizados e receberam um
testemunho e embora tenham “entrado neste caminho
reto e apertado”, têm, entretanto, falhado em dar o

residência

AS

AS

II

nal requerido — o de “prosseguides, **ban-**
os com a palavra de Cristo e perseveran-
.” (2 Né. 31:19, 20; *itálicos acrescentados.*)

e os fiéis receberão a recompensa prome-
nhor, que é a vida eterna. Pois não pode-
a vida eterna sem nos tornarmos “cumpril-
lavra” (Tiago 1:22) e valentes na obe-
mandamentos do Senhor. E não podemos
“cumpridores da palavra” sem primeiro
os “ouvintes.” E tornarmo-nos “ouvintes”
esmente permanecer ociosamente de lado,
elas informações que nos cheguem por
sim procurar, estudar, orar e compreender.

Senhor disse: “E quem não recebe a
não a conhece e não é meu.” (D&C

do encorajamento e estímulo constantes
nos de nossos líderes atuais da Igreja, os
igos parecem clamar-nos em quase cada
ginas das Escrituras, incitando-nos a estu-
a do Senhor, as sagradas Escrituras, “que
-te sábio para a salvação, pela fé que há
sus.” (II Tim. 3:15.) Mas nós nem sem-
e bem nos podemos perguntar por quê.

es parece que não ligamos muito às Es-
não apreciarmos plenamente quão exce-
gio é possuí-las, e quão abençoados somos
arecemos ter-nos estabelecido tão confor-
em nossas experiências neste mundo, e
lado tanto a ouvir o Evangelho, que é
umem imaginar que possa ser de outra forma.

Mas precisamos compreender que faz apenas
156 anos que o mundo emergiu da longa noite de es-

GM
M205.51
L694P
v.30
1977

A Liahona

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

CAPA:

Nossa capa pintada pela artista
Lyle Beddes retrata o profeta Ezequiel,
que profetizou o advento de
dois livros de Escritura: a Bíblia e
o Livro de Mórmon.

O curso para os próximos dois anos da classe
"Doutrina do Evangelho" é

a vara de José — Livro de Mórmon.

Com esta edição

introduzimos o curso do primeiro ano, de
1 Néfi até Alma capítulo 29.

HISTÓRIA

1 Mensag

AS ESC

4 Ensinar

E SUA

6 FAZEN

Hollanc

22 Diário

22 ALMA

Barberi

23 UM SU

DE MC

25 MINH

Lucetta

12 GRÁFI

DE MC

11 Tenho

11 LIVRO

CORRI

8 COME

28 Tenho

28 POR Q

25 O LIV

John F

29 Atualid

29 DADA

PRESII

30 PERFII

33 MEU T

DECLA

34 "CADA

35 NOTIC

37 CONF

SEÇÃO I

13 UM CO

14 VOCE

SEM F

16 SO PA

18 JOSÉ,

20 HISTO

MARCAD

i. Estudo

ii. Formul

iii. Marcad

(lista d

27 AS SE

REGISTRO:

o n.º 1151-P

SUBSCRIÇÃO

Caixa Postal

US\$ 5,00; aé

mudanças de

A LIAHONA

Todos os dire

dos Últimos I

e Periódicos,

também em

norueguês, sa

Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por

esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-

vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Cola-

borações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Mensagem da Primeira Presidência



EXAMINAIS AS ESCRITURAS

Presidente Spencer W. Kimball

Irmãos, meu propósito ao preparar esta mensagem é encorajá-los a estudar as Escrituras. "Examinais as escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam." (João 5:39.)

Talvez vocês tenham notado que, durante muitos anos as Autoridades Gerais nos têm incentivado com frequência crescente e no espírito de amor, a adotarmos um programa de estudo diário do Evangelho em nossos lares, tanto individualmente como em grupo, com nossa família. Além disso, as obras-padrão substituíram todos os outros materiais como textos para estudo no currículo dos adultos da Igreja, e é rara a reunião que termina sem uma advertência inspirada dos líderes do Sacerdócio para que leiamos e estudemos as Escrituras.

Cremos que tem havido uma sensível melhora. Mais membros estão trazendo as Escrituras para as reuniões apropriadas, e vêm preparados para o aprendizado e para os debates. De acordo com a inspiração divina, um número muito maior de pais está usando as obras-padrão para ensinar a seus filhos as doutrinas do Reino. Vemos tais coisas com prazer e satisfação, sabendo que disso resultarão muitas bênçãos.

No entanto, entristecemos-nos ao saber, ao viajarmos pelas estacas e missões da Igreja, que ainda há muitos dos santos que não estão lendo e ponderando regularmente as Escrituras, e que têm pouco conhecimento das instruções do Senhor para os filhos dos homens. Muitos foram batizados e receberam um testemunho e embora tenham "entrado neste caminho reto e apertado", têm, entretanto, falhado em dar o

passo adicional requerido — o de "prosseguides, **banqueteando-vos com a palavra de Cristo** e perseverando até o fim." (2 Né. 31:19, 20; *itálicos acrescentados.*)

Somente os fiéis receberão a recompensa prometida pelo Senhor, que é a vida eterna. Pois não podemos receber a vida eterna sem nos tornarmos "cumpridores da palavra" (Tiago 1:22) e valentes na obediência aos mandamentos do Senhor. E não podemos nos tornar "cumpridores da palavra" sem primeiro nos tornarmos "ouvintes." E tornarmo-nos "ouvintes" não é simplesmente permanecer ociosamente de lado, esperando pelas informações que nos cheguem por acaso; mas sim procurar, estudar, orar e compreender. Portanto, o Senhor disse: "E quem não recebe a minha voz, não a conhece e não é meu." (D&C 84:52.)

Além do encorajamento e estímulo constantes que recebemos de nossos líderes atuais da Igreja, os profetas antigos parecem clamar-nos em quase cada uma das páginas das Escrituras, incitando-nos a estudar a palavra do Senhor, as sagradas Escrituras, "que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus." (II Tim. 3:15.) Mas nós nem sempre ouvimos, e bem nos podemos perguntar por quê.

Às vezes parece que não ligamos muito às Escrituras por não apreciarmos plenamente quão excelente privilégio é possuí-las, e quão abençoados somos por tê-las. Parecemos ter-nos estabelecido tão confortavelmente em nossas experiências neste mundo, e nos acostumado tanto a ouvir o Evangelho, que é difícil imaginar que possa ser de outra forma.

Mas precisamos compreender que faz apenas 156 anos que o mundo emergiu da longa noite de es-

GM
M205.51
L694P
v. 30
1977

curidão espiritual que chamamos de a Grande Apostasia. Precisamos sentir um pouco da profundidade da escuridão espiritual que prevalecia antes daquele dia na primavera de 1820, quando o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith — uma escuridão que foi prevista pelo profeta Néfi e descrita como esse “horrível estado de cegueira”, e na qual o Evangelho foi tirado dos homens. (Veja 1 Néfi 13:32.)

Nos continentes americanos, os remanescentes dos povos do Livro de Mórmon ficaram completamente sem orientação divina por mais de catorze séculos, até que o Livro de Mórmon foi primeiramente publicado em 1830. Seu registro sagrado havia sido selado para aparecer nesta dispensação do Evangelho. Fico profundamente emocionado quando leio o relato do grande profeta Mórmon em pé, em meio aos momentos finais da carnificina e destruição de seu povo, os nefitas, em uma cena terrível de sangue e mortandade; pois embora ele soubesse, como o sabiam todos os profetas do Livro de Mórmon, que a idade negra da apostasia precisava vir, como fora profetizado, foi com angústia de alma que ele relatou:

“Porque eis que o Espírito do Senhor deixou de contender com seus pais (os lamanitas) e estão sem Cristo e sem Deus no mundo, e são conduzidos... por Satanás, como o restolho pelo vento, ou como o barco que, sem velas, âncoras, ou nada que possa dirigi-lo, torna-se juguete das ondas.” (Mórmon 5:16, 18.)

No Velho Mundo também o povo estava virtualmente sem âncora, pois a igreja primitiva havia afundado em apostasia com a morte dos apóstolos; e embora existissem manuscritos da Bíblia, eles estavam nas mãos de poucos homens sem inspiração. Foi durante essa época que muitas das “coisas claras e preciosas” foram perdidas. (Veja 1 Néfi 13:28, 32.)

Somos peregrinos sobre esta terra, aqui enviados para realizar uma missão, um grande trabalho, para o qual precisamos da orientação do Senhor. O fato de que não nasci em épocas de escuridão espiritual nas quais os céus estavam calados e o Espírito ausente, enche minha alma de gratidão. Verdadeiramente, estar sem a palavra do Senhor para nos orientar é como ser andarilhos em um vasto deserto, sem encontrar pontos de referência conhecidos, ou estar na escuridão densa de uma caverna sem alguma luz que nos mostre o caminho para a saída.

Durante a guerra do Vietnã, alguns dos membros da Igreja foram levados como prisioneiros e mantidos quase completamente isolados. Não lhes sendo permitido acesso às Escrituras, eles mais tarde falaram na fome que sentiam das palavras da verdade, mais do que de alimentos ou da própria liberdade. O que não teriam eles dado por um simples fragmento da Bíblia ou do Livro de Mórmon que permanecem em nossas estantes ociosamente! Eles aprenderam através de dura experiência algo dos sentimentos de Néfi quando declarou:

“Porque minha alma se deleita nas escrituras, e meu coração medita sobre elas, e as escreve para instrução e proveito de meus filhos.

“E eis que minha alma se deleita nas coisas do Senhor; e meu coração medita continuamente sobre as coisas que vi e ouvi.” (2 Né. 4:15-16.)

Em uma passagem na qual o profeta Isaías se refere à Grande Apostasia, ele diz: “Porque o Senhor derramou sobre vós, um espírito de profundo sono, e fechou os vossos olhos, os profetas; e vendou os vossos cabeças, os videntes.” (Isa. 29:10; veja também 2 Né. 27:5.)

Imediatamente depois, entretanto, Isaías fez referência direta ao fim da escuridão e ao aparecimento do Livro de Mórmon:

“Pelo que toda a visão vos é como as palavras dum livro selado que se dá ao que sabe ler, dizendo: Ora, lê isto; e ele dirá: Não posso, porque está selado. “Ou dá-se o livro ao que não sabe ler...” (Isa. 29:11, 12.)

E assim se iniciou a obra maravilhosa, “uma obra maravilhosa e um assombro” que o Senhor prometeu que continuaria a fazer. (Veja Isa. 29:14.)

Desde o início da restauração do Evangelho através do Profeta Joseph Smith, mais de 16 milhões de exemplares do Livro de Mórmon foram impressos e distribuídos em vinte e seis línguas, com mais de 15 outras traduções sendo preparadas. Um número incontável de Bíblias já foi impresso, suplantando em muito a quantidade de outras obras publicadas. Temos também o livro Doutrina & Convênios e a Pérola de Grande Valor. Além do acesso a essas obras preciosas de Escritura, temos, numa proporção desconhecida em qualquer outra época da história do mundo, a cultura e capacidade de usá-las, se o desejarmos.

Os profetas antigos sabiam que depois das trevas viria a luz. Vivemos nessa luz, mas, será que a compreendemos plenamente? Com as doutrinas de salvação facilmente ao nosso alcance, receio que alguns ainda estejam dominados pelo “espírito de profundo sono”, tendo olhos que não vêem e ouvidos que não ouvem. (Rom. 11:8.)

Para que não deixemos de pensar seriamente no que acabo de dizer, deixem-me fazer uma pausa para indicar um erro comum da mente humana — isto é, a tendência, quando alguém fala de fidelidade ou sucesso em uma ou outra coisa, de se identificarem como parte do assunto, ao passo que, quando se fala em fracasso ou negligência, desejam desassociar-se mentalmente. Mas peço que todos nós avaliemos honestamente o que realizamos com relação ao estudo das Escrituras. É coisa comum termos algumas passagens delas à nossa disposição, flutuando em nossa mente, por assim dizer, e assim temos a ilusão de que sabemos muito sobre o Evangelho. Neste sentido, ter um pequeno conhecimento pode ser realmente um problema. Estou convencido de que cada um de nós, em alguma parte de nossa vida, deve descobrir as Escrituras por si mesmo — e não apenas descobri-las uma vez, mas redescobri-las repetidamente.

Neste aspecto, a história do Rei Josias, no Velho Testamento, é das mais proveitosas para aplicar “a vós mesmos.” (1 Né. 19:24.) Para mim, é uma das melhores histórias de todas as Escrituras.

Josias tinha apenas oito anos de idade quando começou a reinar em Judá, e embora seus ancestrais imediatos fossem extremamente iníquos, as Escrituras nos dizem que ele “fez o que era reto aos olhos do Senhor, e andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se apartou dele nem para a direita nem para a esquerda.” (II Reis 22:2.) Isto é mais surpreendente principalmente ao sabermos que naquela época (apenas duas gerações antes da destruição de Jerusalém em 587 A.C.) a lei escrita de Moisés se havia perdido e era virtualmente desconhecida, mesmo entre os sacerdotes do templo!

Mas no décimo oitavo ano de seu reinado, Josias ordenou que o templo fosse reparado. Naquela época, Hilquias, o sumo sacerdote, encontrou o livro da lei, que Moisés havia posto na arca do convênio, entregando-o ao Rei Josias.

Quando o livro da lei foi lido para Josias, ele “rasgou os seus vestidos” e chorou diante do Senhor.

“... grande é o furor do Senhor, que se acendeu contra nós”; disse ele, “porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro, para fazerem conforme tudo quanto de nós está escrito.” (II Reis 22:13).

O rei leu, então, o livro diante de todo o povo, e naquela hora todos fizeram um convênio de obedecer a todos os mandamentos do Senhor “com todo coração, e com toda a alma.” (II Reis 23:3.) Então Josias passou a limpar o reino de Judá, retirando todos os ídolos, os bosques e os lugares altos onde eles adoravam, assim como todas as abominações que se tinham multiplicado durante o reinado de seus pais, corrompendo a terra e seu povo. Ele realizou também uma páscoa solene, e “nunca se celebrou tal páscoa como esta desde os dias dos juizes que julgaram a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tampouco dos reis de Judá.” (II Reis 23:22.) Tudo isto para que ele pudesse “confirmar as palavras da lei, que estavam escritas no livro que o sacerdote Hilquias achara na casa do Senhor.

“E antes dele não houve rei semelhante, que se convertesse ao Senhor com todo o seu coração, e com toda a sua alma, e com todas as suas forças, conforme toda a lei de Moisés: e depois dele nunca se levantou outro tal.” (II Reis 23:24-25.)

Sinto ardentemente que todos precisamos retornar às Escrituras da mesma forma que o Rei Josias, e deixar que elas obrem poderosamente dentro de nós, impelindo-nos a uma determinação inabalável de servir o Senhor.

Josias tinha apenas a lei de Moisés. Em nossas Escrituras, temos o Evangelho de Jesus Cristo em sua plenitude; e se a amostra de algo é doce, a sua plenitude será de alegria.

O Senhor não está brincando conosco quando nos dá estas coisas, pois “a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá.” (Lucas 12:48.) O acesso a essas coisas significa responsabilidade por elas. Precisamos estudar as Escrituras de acordo com o mandamento do Senhor (veja 3 Né. 23:1-5); e devemos dei-

xá-las governar nossa vida e a existência de nossos filhos, e, tendo-as, precisamos ver a responsabilidade que temos de voltar nossos corações aos nossos queridos ancestrais, muitos dos quais suportaram a longa noite de trevas para que pudéssemos existir, e que talvez até mesmo agora esperem ansiosamente pelos nossos esforços em seu benefício.

Os ensinamentos do Senhor têm sempre sido para aqueles que possuem “olhos para ver” e “ouvidos para ouvir.” A voz é clara e inconfundível, e é certo o testemunho contra aqueles que negligenciam uma oportunidade tão grande.

Peço, assim, a todos, que comecem agora a estudar as Escrituras diligentemente, se ainda não o fizeram. E talvez o meio mais fácil e eficiente de fazer isso seja participar do programa de estudo da Igreja.

No currículo para adultos da Igreja, os quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque e as aulas de Doutrina do Evangelho da Escola Dominical estudam as obras-padrão rotativamente. Durante um período de oito anos, o Velho Testamento, a Pérola de Grande Valor, o Novo Testamento, o Livro de Mórmon e Doutrina & Convênios são estudados meticulosamente. Esperamos que todos apoiem este programa de estudo das Escrituras — dando-lhe grande ênfase, providenciando para que este programa bem correlacionado da Igreja não seja prejudicado por designações conflitantes de leitura ou de estudo. Cada um dos livros-padrão deve ser intensamente estudado no ano em que seu estudo estiver programado.

Começaremos no mês de março de 1977 o estudo do Livro de Mórmon, com a Escola Dominical apresentando-o em seu contexto histórico e cronológico, e os quoruns do Sacerdócio considerando as principais doutrinas e deveres do Sacerdócio nele contidos. Até fevereiro de 1978 teremos completado de Primeiro Néfi até Alma 29, e o restante do livro será estudado no ano curricular de 1978-79.

Nós o convidamos a participar desta excelente oportunidade, pois, como disse o Profeta Joseph Smith: “O Livro de Mórmon (é) o mais correto livro sobre a terra, e a pedra angular de nossa religião, e um homem (pode) aproximar-se mais de Deus vivendo por seus preceitos do que pelos de qualquer outro livro.” (*History of the Church*, 4:461.) Seremos abençoados e enriquecidos por seu conteúdo, pois ele foi escrito para nossos dias e nossa época — “aos lamanitas, que são remanescentes da casa de Israel; e também aos judeus e gentios” (página-título) — um fato que é acentuado repetidamente por seus principais autores: Néfi, Mórmon e Morôni. E embora dele muito possamos obter, talvez aprender algo de história, de guerra e de paz — sua principal mensagem ainda é a mais valiosa que podemos receber: que Jesus é o Cristo, o Redentor do mundo.

Que todos leiamos o Livro de Mórmon com espírito de oração, estudemo-lo cuidadosamente e recebamos um testemunho de sua divindade. Pois o próprio Salvador disse a seu respeito: “Assim como vive o vosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira.” (D&C 17:6.)

ENSINAR AS ESCRITURAS AOS NOSSOS FILHOS:



É sua a Responsabilidade

Tom G. Rose

Não fazia ainda um ano que minha esposa, Marilyn, e eu estávamos casados quando o Presidente David O. McKay disse na conferência geral: "Nenhum outro sucesso pode compensar o fracasso no lar." (Conference Report, abril de 1964, p. 5.)

Éramos um casal jovem que desejava ter filhos e ficamos muito impressionados com aquela declaração inspirada; e, como a maioria dos santos dos últimos dias idealistas que esperam ser pais, sentimo-nos confiantes de que estaríamos capacitados a educar apropriadamente nossos filhos. Olhando agora para trás, sorrimos ao compreender que só não ficamos assustados porque não sabíamos o suficiente.

"É sua a responsabilidade de providenciar para que essa criança não perca nenhuma oportunidade, através de vocês, de provar sua

dignidade e retidão na vida através de seu segundo estado...

"Vocês, pais, não podem transferir essa responsabilidade a ninguém mais." (J. Reuben Clark, Conference Report, outubro de 1951, p. 57.)

Depois que nosso primeiro filho começou a desenvolver sua própria personalidade e nós obtivemos alguma experiência como pais, começamos a notar imperfeições em nós e em nossos filhos que nos amedrontaram. Isto nos ajudou a compreender que ninguém consegue ser bom pai só porque deseja sê-lo. Isso exige criatividade, inspiração e trabalho.

Você já teve esse tipo de sentimentos? Quase todos os pais chegam a essa conclusão mais cedo ou mais tarde. E quando vocês chegam a esse ponto, os princípios gerais não ajudam mais; vocês precisam de exemplos específicos.

Uma das coisas mais eficientes que fizemos para cumprir essa responsabilidade extremamente importante que é a paternidade, foi estabelecer uma tradição de leitura diária das Escrituras em nosso lar. Todas as manhãs acordávamos nossos filhos suficientemente cedo para que pudéssemos despendar cerca de quinze minutos lendo as Escrituras. Assim como nossos corpos físicos necessitam de alimento diário e de exercício, também nossa espiritualidade exige fortalecimento através do estudo das Escrituras. O plano de estudo sistemático disponível através das organizações da Igreja complementa nosso estudo diário das Escrituras e nossas lições nas noites familiares.

Para preparar os filhos de Israel a fim de entrarem na Terra Prometida, Moisés aconselhou aos pais:

"Ponde pois estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma..."

"E ensina-as a teus filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te." (Deut. 11:18-19.)

Muitas famílias têm tido experiências maravilhosas ao seguir este conselho.

O Presidente Marion G. Romney relatou o seguinte na conferência geral em 1949:

"Incito-os a que se familiarizem com este grande livro (o Livro de Mórmon). Leiam-no para os seus filhos; eles não são demasiado jovens para entendê-lo. Lembro-me de quando o li com um dos meus garotos que era muito jovem. Em certa ocasião, eu estava deitado no beliche de baixo e ele no de cima. Estávamos ambos lendo em voz alta parágrafos alternados daqueles últimos capítulos maravilhosos de Segundo Néfi. Ouvi sua voz estremecer e pensei que ele estava resfriado, mas continuamos até o fim dos três capítulos. Ao terminarmos, ele me disse: 'Papai, o senhor alguma vez chorou ao ler o Livro de Mórmon?'"

"Sim, filho", respondi. "Às vezes o Espírito do Senhor testifica de tal modo à minha alma que o Livro de Mórmon é verdadeiro que eu choro."

"Bem", disse ele, "foi isso que aconteceu comigo hoje à noite."

"Sei que nem todos reagirão desta forma, mas sei que alguns deles sim, e digo-lhes que este livro nos foi dado por Deus para que o lêssemos e vivêssemos por ele, e ele nos manterá mais próximos do Espírito do Senhor do que qualquer outra coisa que conheço. Querem lê-lo, por favor?" (Conference Report, abril de 1949, p. 41.)

O Presidente Spencer W. Kimball também falou de leitura regular de Escrituras em seu lar quando era menino:

"Lembro-me de quando era jovem, como ficava impressionado quando lia os relatos emocionantes dos apóstolos antigos e de outros irmãos e irmãs. Quando eu era garoto, antes de ser um diácono, costumava subir as escadas que leva-

vam ao sótão de nossa casa. Lá, naquele quarto escuro e rústico, noite após noite, eu lia a Bíblia à luz de uma lamparina. Lembro-me de como Pedro comovia minha alma..." (Ensign, setembro de 1975, p. 3.)

Estes relatos nos impressionaram muito.

Quando Steven, nosso filho mais velho, estava com oito anos, demos-lhe um exemplar pessoal do Livro de Mórmon e iniciamos o que, para um menino de oito anos, era uma tarefa e tanto — a de ler o Livro.

Steven e eu levantávamos cedo toda manhã, antes das crianças menores, e nos revezávamos lendo um versículo cada vez. Devido ao seu vocabulário limitado, frequentemente parávamos e falávamos a respeito de uma palavra ou frase, ou examinávamos o que estava acontecendo à Escritura que líamos.

Alguns meses depois do início de nosso programa de leitura, aconteceu uma coisa que nos agradou muito. Quando minha mulher e eu estávamos assistindo a uma conferência para pais e mestres em sua escola, a professora de Steven chegou a nós muito contente e perguntou se havíamos notado como ele havia progredido. Durante as últimas semanas, os conceitos de Steven em leitura haviam melhorado sensivelmente.

Nosso programa de leitura do Livro de Mórmon já havia pago um dividendo. Quantos existirão ainda à frente? Bem, estamos esperando ansiosamente para ver. Mas podemos testificar quanto à seguinte declaração do Presidente George Albert Smith:

"Irmãos e irmãs, é nosso privilégio, e mais do que isso, é nosso dever, em nossos lares, reunir nossa família, a fim de que seja ensinada quanto às verdades das Santas Escrituras. As crianças devem ser incentivadas, em todos os lares, a ler a palavra do Senhor, conforme nos foi revelada em todas as dispensações. Devemos ler a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina & Convênios e a Pérola de Grande Valor; não somente lê-los em nossos lares, mas explicá-los aos nos-

sos filhos, para que possam compreender os convênios de Deus com os povos da terra." (Conference Report, abril de 1914, p. 12.)

A leitura de lições, feita pelas crianças, pode iniciar-se muito cedo. Mesmo quando elas têm apenas dez ou quinze meses de idade podem sentar-se no colo da mamãe ou papai e olhar as gravuras de um livro, sentindo amor.

E esse é o ingrediente básico quando se ensinam as Escrituras aos filhos: o Amor. Como disse o Presidente Joseph F. Smith, você pode "treiná-los como a um papagaio para que repitam versos e falem em uníssono e todo esse tipo de coisas, (e) eles o farão mecanicamente, sem sentir, e sem que isso tenha sobre suas almas o efeito que vocês desejam."

Mas, "Se vocês puderem simplesmente convencer seus filhos de que os amam, que se preocupam pelo seu bem, que são seus amigos mais sinceros, eles, por sua vez, confiarão em vocês e os amarão, procurando seguir os seus conselhos." (Conference Report, abril de 1902, p. 98.)

Nestes dias, quando nós e nossos filhos estamos sendo bombardeados por Satanás de todas as direções possíveis, cremos no que Néfi ensinou — que as Escrituras são as palavras de Cristo, e se para elas atentarmos, elas nos mostrarão tudo o que devemos fazer. (Vide 2 Néfi 33:10-11; 31:20; 32:3.) Assim como a Liahona dos tempos antigos guiou Léhi e sua família para a terra prometida, assim também as Escrituras podem orientar-nos para além do vale da tristeza "a uma terra de promessa ainda mais excelente." (Vide Alma 37:38-46.)

Vocês são os pais. Esta é a sua responsabilidade. Através do currículo dos programas da Escola Dominical, Primária, Sacerdócio Aarônico e Moças e do Seminário e Instituto, a Igreja fornece instrução eficiente e sistemática no plano de salvação com todas as bênçãos resultantes — tudo isto para ajudá-los no cumprimento de sua responsabilidade.



Fazendo Viver as Escrituras

Jeffrey R. Holland

“E leram o livro, na lei de Deus: e declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse.” (Neemias 8:8.)

A chave para a leitura de qualquer livro é ficar acordado. Isto significa, é claro, que você tentará manter os olhos abertos e uma porção razoável do sangue circulando. Mas, a verdadeira leitura exige muito mais do que isso. Esse tipo de leitura significa ficar alerta, atento e ativamente envolvido à medida que se absorve o livro na mente, página por página. Escrever um bom livro é um trabalho muito penoso; lê-lo bem também não é uma coisa fácil.

Não há jeito de ler as Escrituras de maneira excêntrica, superficial ou muito rápida. Elas exigem tempo, oração e meditação sincera. O capítulo inicial do primeiro livro de Néfi é, provavelmente, o material do Livro de Mórmon que nos é mais familiar, e no entanto, se não estivermos alertas, deixaremos passar muito do seu significado. Ele foi escrito com muito cuidado e deve ser lido da mesma forma.

Imaginemos que certo pai está ajudando sua filha de doze anos a iniciar a leitura de seu primeiro capítulo. Ela é uma garota agradável, amante dos divertimentos, que tentou algumas vezes ler o Livro de Mórmon, sem conseguir interessar-se muito. Podemos captar uma conversa mais ou menos assim:

Pai: Bem, vamos ler o capítulo inicial do primeiro livro de Néfi. Tem apenas vinte versículos, menos do que duas páginas impressas. Pense nele à medida que ler. Faça perguntas a si mesma.

Dora: Que tipo de perguntas?

Pai: Ora, perguntas como “Por que este deve ser o primeiro capítulo do livro?” ou “O que tem este versículo a ver com aquele?”

Dora: Bem, não sei nada a respeito dessas coisas, mas quero saber por que não iniciamos lendo a respeito dos Jareditas. Eles chegaram primeiro à América do Norte.

Pai: É exatamente este o tipo de pergunta que deve ser feita — e você demorou pelo menos um minuto e meio para fazê-la. Agora — quando você começar a encontrar

respostas para perguntas como esta —

Dora: Papai, já sei! Você pode dizer-me as respostas se eu conseguir imaginar as perguntas!

Pai: Que impaciência! Quando **você** começar a encontrar respostas a perguntas como essa, todo o Livro de Mórmon se tornará claro para você. Descobrirá por que o Livro de Éter deve estar exatamente onde se apresenta quando vier a lê-lo cuidadosamente. Falaremos sobre esse assunto quando chegarmos a ele, o que acontecerá quase no fim do livro. Vamos agora começar a ler.”

Dora: Como queira, papai. (Dora começa a ler, silenciosamente. Com alguma dificuldade para ler certos trechos, ela chega ao fim do primeiro capítulo.) Muito bem, eu o li.

Pai: Ótimo. O que você acha que diz?

Dora: Papai, eu disse que o li. Não disse que sabia o que queria dizer.

Pai: Bem, então temos que lê-lo de novo, só que um pouco mais devagar desta vez. E em voz alta. Conversaremos à medida que formos lendo.

Dora: Como queira, papai (lendo em voz alta) “Eu, Néfi, tendo nascido de boa família...”

Pai: Bem, por que você acha que Néfi inicia assim o seu livro?

Dora: Talvez por ser um bom homem.

Pai: Talvez. O que mais?

Dora: Talvez venha a ser a respeito de sua família.

Pai: Pode ser. Que mais?

Dora: Talvez ele queira que saibamos quem está contando a história.

Pai: Talvez. Que mais?

Dora: Papai! Isto poderia continuar pela noite toda e eu tenho que ir à escola amanhã. Se eu ler



isto devagar em classe minha professora ficará zangada comigo. Agora, deixe-me lê-lo inteiro e não me interrompa a menos que eu lhe pergunte alguma coisa. Está bem?

Pai: Está.

(Dora lê o capítulo em voz alta. Vagarosamente. Com um olho em seu pai.)

Pai: Ótimo. **Agora.** O que é que o capítulo diz?

Dora: (Com um sorriso torto porque sabia que ele ia fazer-lhe essa pergunta) É sobre um homem chamado Léhi que tem uma visão e adverte seu povo quanto à sua destruição. Mas eles não gostavam dele.

Pai: (Sorrindo porque sabia que ela leria com mais atenção), fantástico! Como chamamos a um homem como Léhi?

Dora: Um profeta.

Pai: O que fez ele que causou a visão?

Dora: Não sei. Não diz aqui.

Pai: Diz sim. Veja o versículo 5.

Dora: (lendo) Oh. Ele orou. Eu não havia notado. Creio que virei a página muito rapidamente. Está meio escondido ali perto do fim da página, sabe.

Pai: Está bem, querida. Você não é a única que lê rápido demais para lembrar-se da oração.

Dora: O quê?

Pai: Nada. Agora, o que foi que Léhi viu em sua visão?

Dora: Viu que Jerusalém ia ser destruída.

Pai: Um momento! Você está andando depressa demais. Como é que ele viu que Jerusalém ia ser destruída?

Dora: (Lendo novamente) Bem, alguns mensageiros celestiais trouxeram-lhe um livro e ele o leu.

Pai: Você pode dizer-me quem eram os mensageiros celestiais?

Dora: Acho que um deles parece Jesus.

Pai: Também acho. Você disse que quando Léhi tentou dizer ao povo a respeito da destruição de Jerusalém, eles não gostaram. O que é que fizeram?

Dora: (lendo novamente) Ficaram zangados e caçoaram dele.

Pai: Até que ponto ficaram zangados?

Dora: Bem, por fim tentaram matá-lo.

Pai: Vamos fazer no papel um pequeno esquema deste capítulo. Acho que seria mais ou menos assim:

um profeta ora
tem uma visão
vê mensageiros celestiais (provavelmente incluindo Jesus)
recebe um livro
é rejeitado pela maioria do povo.

Bem, este é um resumo simples da história que você descreveu no capítulo 1. Parece-lhe mais ou menos familiar?

Dora: Acho que não.

Pai: Pense bem.

Dora: Bem, parece um pouco com a experiência de Joseph Smith. Ei! Parece-se muito com a experiência de Joseph Smith. Que interessante! Por que será, hein pai?

Pai: Pergunta bárbara! Para mim, uma resposta que parece lógica é que todos os profetas geralmente têm algumas experiências muito semelhantes. Em todo caso, uma coisa que **sabemos** que eles têm em comum é o recebimento de revelações do Senhor. Joseph Smith disse, certa vez, que revelação é a rocha sobre a qual a Igreja de Jesus Cristo será sempre edificada, e nunca haveria salvação sem ela. Acho que vamos descobrir, Dora, que todo esse livro será uma longa revelação a respeito de revelação. E Jesus vai ser o tópico principal de todo o livro. Esses primeiros vinte versículos dão uma ótima idéia do que vai segui-los. Você não pode fazer muito mais do que isso no primeiro capítulo.

E talvez haja outra razão para que o Livro de Mórmon comece assim. Talvez, de sua própria maneira, ele ajude a ensinar que se aceitarmos Léhi e o Livro de Mórmon, teremos certamente aceito Joseph Smith como um profeta de Deus. Por outro lado, quando aceitamos a Joseph Smith como um profeta, precisamos aceitar e viver de acordo com os ensinamentos

deste livro que ele ajudou a trazer à luz.

De certa forma, Dora, este registro não é somente o testemunho de Néfi, Alma, Mórmon e Morôni, é também o testemunho de Joseph Smith, Brigham Young, Harold B. Lee e Spencer W. Kimball. Talvez seja por isso que a Igreja não foi nem mesmo organizada até que o Livro de Mórmon estivesse completamente traduzido e publicado. O Profeta Joseph Smith chamou-o certa vez de "a pedra angular de nossa religião", e acho que a maioria de nós ainda não compreende quão essencial foi o Livro de Mórmon para tudo que aconteceu depois que Morôni entregou essas placas ao seu profeta de dezessete anos de idade. Quando penso no que se tornou a Igreja desde a primeira visão de Joseph e da entrega deste livro a ele, tenho vontade de prorromper em exclamações juntamente com Léhi no versículo 14: "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor Deus Todopoderoso." Dora, amo este livro de todo coração e sei que ele é a palavra de Deus.

Dora: Papai, nunca ouvi você falar assim antes.

Pai: Bem, nunca antes minha filha de doze anos havia lido o Livro de Mórmon para mim.

Dora: Já passa das 22:00 horas! Já falamos mais do que quarenta e cinco minutos sobre um pequeno capítulo. Tenho que ir para a cama. Você vai ralar comigo.

Pai: Duvido. Mas pode ser que depois eu o faça. Apressse-se. Já! Vá logo para a cama!

Dando um abraço e um beijo em seu pai, Dora vai correndo para a cama, mais firme em seu caminho para um testemunho da veracidade do Livro de Mórmon e da realidade da restauração do que pensa.

É claro que o que o pai de Dora sabe — e que ela está prestes a descobrir — é que todo capítulo está repleto de significação, às vezes muitas significações, e sempre com o propósito de iluminar e inspirar. Quando Dora imerge profundamente no sono, o pai senta-se pensativo, não querendo que se encerre esta experiência especial.

O Presidente Brigham Young fez, certa vez, uma declaração interessante que continua a fascinar-me. Disse ele: "Vocês lêem as Escrituras, meus irmãos e irmãs, como se as estivessem escrevendo mil, dois mil ou cinco mil anos atrás? Vocês as lêem como se estivessem no lugar dos homens que as escreveram? Se não se sentem assim, devem experimentar fazê-lo, para que fiquem tão familiarizados com o espírito e significado da palavra de Deus escrita quanto estão com seus afazeres e conversas diárias, ou com seus empregados ou familiares."

Ele prosseguiu, então, com a promessa: "Vocês podem compreender o que os profetas compreenderam e pensaram — o que planejavam e objetivavam produzir para o bem de seus irmãos. Quando vocês puderem sentir assim, então poderão começar a pensar que descobrirão algo a respeito de Deus, e começarão a aprender quem ele é." (*Journal of Discourses* 7:333.)

Com muita frequência abordamos as Escrituras como observadores desinteressados. Queremos receber instrução sem esforço algum de nossa parte. Esta é uma época de espectadores, uma era que fornece entretenimento sem exigir muito esforço de nossa parte. Entretanto, as Escrituras não entregarão o excitamento que nelas existe sem que haja esforço nosso. Presidente Young sugeriu que precisamos lê-las com uma atitude criadora, colocando-nos dentro delas. Isto no início pode não ser fácil, mas, uma vez que tenha sido conseguido, as Escrituras começam a adquirir uma vida própria.

Partes do Livro de Mórmon são tão antigas quanto a torre de Babel, no entanto, seus assuntos são tão atuais quanto o amanhã. As circunstâncias históricas podem

mudar, as pessoas podem vestir-se de modo diferente e alterar suas cercanias, mas a humanidade permanece muito semelhante. Os mesmos problemas do gênero humano renascem, novos, em cada geração. Isto é o que faz do Livro de Mórmon uma aventura fascinante, se estivermos realmente interessados na vida.

A primeira metade do Livro de Mórmon oferece uma oportunidade excelente para que as famílias analisem alguns dos problemas eternos do homem, partilhando dos pontos de vista de outros que vive-

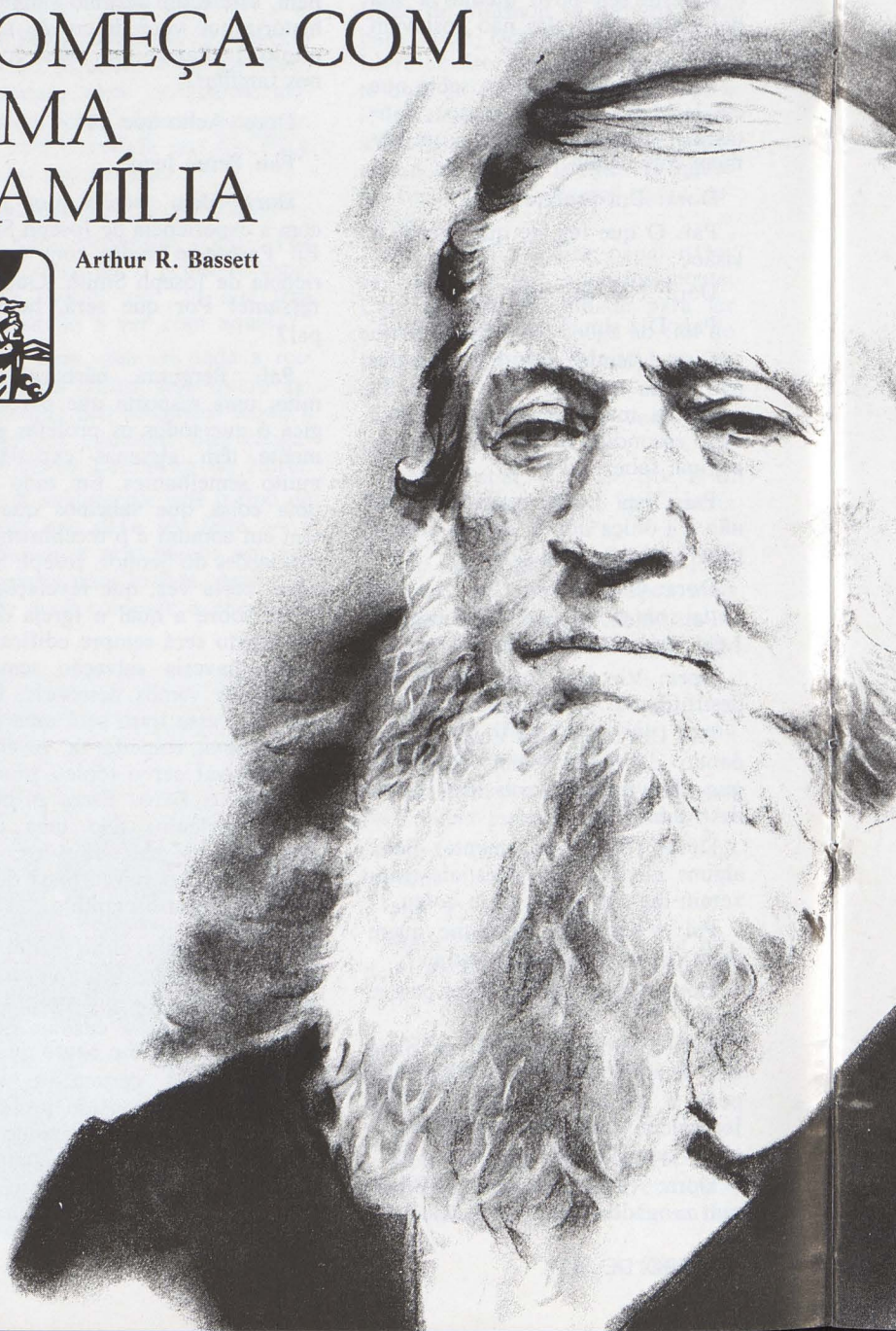
ram em outras épocas e outros lugares. O Profeta Joseph Smith disse que através do estudo do Livro de Mórmon e de pautar a vida de acordo com seus preceitos, pode-se chegar mais perto de Deus do que através do estudo de qualquer outro livro. Essa é uma promessa animadora, digna da nossa atenção.

O Livro de Mórmon é rico em verdades teológicas, mas é muito mais do que um manual teológico. Em suas páginas, anda-se pelas ruas remotas de Jerusalém, caminha-se pelas extensões áridas do deserto, navega-se pelas tempestades

COMEÇA COM UMA FAMÍLIA



Arthur R. Bassett



turbulentas do oceano, embrenha-se nas regiões de vegetação luxuriante, visitam-se palácios de reis e choupanas de pobres. E, embora o enfoque do livro seja em assuntos de âmbito nacional, vê-se muito da vida e dos relacionamentos familiares. O Livro de Mórmon é a obra mais dirigida à família que temos nos livros-padrão. Somente a parte inicial do Velho Testamento se aproxima do fornecimento de enfoques tão vitais dos problemas e alegrias das famílias.

Léhi não é somente um grande profeta, é também um pai preo-

cupado que luta com muitos dos problemas enfrentados pelos pais de hoje. Devemo-nos lembrar dessa faceta de sua vida e comparar seus pontos de vista e problemas com os nossos próprios. Com muita frequência tentamos ler as Escrituras sem nos imaginarmos na mesma situação, fazendo-as falar sem qualquer esforço de nossa parte. Elas se tornam muito mais ricas quando amalgamamos nossas próprias experiências com as que são apresentadas no livro, se fizermos dessa aventura um tipo de diálogo com as Escrituras. Podemos tirar uma orientação vital da sugestão de Néfi: "Eu apliquei todas as Escrituras às nossas circunstâncias para nossa utilidade e instrução." (1 Néfi 19:23.)

Os pais, por exemplo, provavelmente verão no Livro de Mórmon coisas que escapam àqueles que não tiveram a experiência da paternidade. Devem entender com mais facilidade por que Léhi, em sua visão da Árvore da Vida, não notou a imundície da água como Néfi, embora os dois profetas tivessem tido a mesma visão. Néfi registra: "sua mente estava tão preocupada com outras coisas que não viu a imundície da água" na visão. (1 Néfi 15:27.) Como pai, Léhi tinha preocupações que não eram partilhadas por Néfi, isto é, sua responsabilidade como o chefe da família. No ponto da visão em que foi mostrado um rio a Léhi, ele começou a preocupar-se com sua família. Ele viu sua esposa e dois de seus filhos e acenou-lhes para que a ele viessem juntar-se. Adicionalmente, preocupou-se com o fato de não estarem Lamã e Lemuel com eles e dirigiu toda sua atenção em sua busca pelos dois irmãos desencaminhados, esquecendo-se dos detalhes da visão.

Por outro lado, Néfi ainda não tinha tido a experiência da paternidade e podia observar a visão sob um prisma diferente. Ele estava mais interessado nos detalhes da visão e focalizou alguns, como a imundície da correnteza que seu pai também havia visto, mas não observara de perto devido à preocupação com a família.

As mães devem entender o pesado fardo colocado sobre Sariah ao

ter que abandonar sua casa, seus pertences, seus amigos e conhecidos, e partir para as incertezas da vida no deserto, simplesmente por causa de sua fé em seu marido, a quem os outros chamavam de visionário. Lembrem-se de que ela própria não havia recebido a visão. U'a mãe deve ser capaz de ter empatia pelas queixas de Sariah, quando chegou ao desespero no deserto, temendo não somente ter perdido seu lar e pertences, mas também seus quatro filhos. (Vide 1 Néfi 5:1-7.)

Os pais devem compreender o fardo igualmente pesado suportado por Léhi, cuja fé era minada e posta em prova pelas dúvidas e preocupações legítimas de sua esposa. Saber que o Senhor o havia dirigido e que as coisas provavelmente culminariam de uma maneira positiva não aliviava as frustrações e perplexidades do momento. Embora Léhi possuísse grande fé e fosse um profeta, ele era forçado a lutar continuamente com suas preocupações de pai. Seu papel era complexo, e reconhecer essa complexidade aumenta o nosso entendimento das dimensões totais da vida. Aqueles que vêem Léhi somente como um profeta, perdem muito do que o livro revela a respeito de paternidade.

Irmãos e irmãs encontrarão aspectos interessantes de suas próprias vidas iluminados pelos atritos que se desenvolveram entre os filhos de Léhi e Sariah. Alguns poderão sentir empatia pelas frustrações de Néfi ao não poder compreender plenamente seus irmãos desencaminhados que não conseguiam crer em seu pai, o profeta do Senhor. Outros compreenderão Lamã e Lemuel, e suas frustrações com seu irmão menor, e sua aparente "carolice". Outros ainda poderão identificar-se com Jacó e sua posição, desejando amar e respeitar todos os seus irmãos mais velhos e tê-los como exemplos, encontrando neles apenas discórdia.

Aqueles que lêem os escritos de Jacó e se esquecem do trauma de sua juventude perderão muito da compaixão descrita em seus sermões sobre a família. Tendo sido testemunha de conflitos familiares, havendo experimentado a aterrado-

ra viagem através do oceano — tornada ainda mais inquietante pela luta e tumulto entre seus irmãos, pela tristeza que sentiu por estarem Léhi e Sariah próximos à morte, pelas orações e súplicas da mulher e filhos de Néfi — havendo visto a desintegração da família após a morte de Léhi, Jacó inclui uma profunda perspectiva da vida familiar em seus sermões. Seus últimos discursos espelham a sensibilidade adquirida em sua juventude.

Assim como o menino é o pai do homem, a família é a mãe da nação no Livro de Mórmon. Ao prosseguirmos em nossa leitura nunca nos devemos esquecer desses parentescos familiares. Eles acrescentam muito interesse e maiores dimensões ao relato. Quando se dá a separação entre os irmãos, e as batalhas começam entre os nefitas e lamanitas, devemos lembrar que essas batalhas iniciais não eram entre estranhos, mas entre primos e pessoas que se conheciam bem.

Quando Sherem veio para opor-se a Jacó (vide Jacó 7), devemos lembrar que Jacó provavelmente conhecia seus pais, ou pelo menos seus avós. Quem, entre nós, quando encontra o filho ou neto de um amigo, deixa de considerar aquela pessoa à luz do ancestral que conheceu? E quanto mais intensa é nossa preocupação por aquele filho ou filha se ele ou ela for rebelde, ou quão maior será nossa felicidade se eles se tornarem um crédito para seus pais — que são nossos amigos ou conhecidos. Reconhecer esta relação entre Jacó e Sherem adiciona grande impacto ao relato.

Como é interessante observar os filhos de nossos irmãos e irmãs, os filhos de primos ou de amigos íntimos, e vê-los amadurecerem e tomarem responsabilidades sobre si. O Livro de Mórmon permite-nos fazer algo semelhante. Aquelas pessoas tinham preocupações como nós temos, e precisamos constantemente nos lembrar disso. Eram também, até certo ponto, um produto de seu ambiente familiar. O Livro de Mórmon permite-nos seguir essas famílias através de várias gerações e testemunhar os problemas que podem ocorrer dentro

de uma família durante longos períodos de tempo. Bem poucos registros na história fazem isto com mais eficiência do que o Livro de Mórmon.

Jovens cujos pais e mães ocupam posições de responsabilidade na Igreja devem encontrar interesse especial no relato de Ênos. Devem sentir a carga de preocupação que o levou à floresta, sendo filho de um profeta, sobrinho de outro e neto de um terceiro. Ao chegar à maturidade, o indivíduo precisa descobrir certas coisas por si mesmo, deve estabelecer seu próprio sistema de valores, precisa traçar o seu próprio caminho. Aqueles hoje em dia que se encontram nesta mesma situação sentirão parte da urgência sentida na oração de Ênos.

Às vezes tal carga torna-se pesada demais para alguém. Esse alguém, então, decide erroneamente, que para se tornar um indivíduo em seus próprios direitos deve deixar o caminho dos pais. Desafortunadamente, tem-se repetido a história do líder da Igreja que tem um filho rebelde. Em uma tentativa para demonstrar aos seus companheiros sua liberdade, eles passam a atacar o estilo de vida de seus pais. Esses jovens e moças devem entender e aprender com a experiência de Alma, o filho, e dos filhos de Mosiah. Filhos de um rei e de um profeta de Deus, eles descobriram que a rebelião não é o caminho para a felicidade nem para a verdadeira auto-realização.

Outros pais, ainda, encontrar-se-ão na mesma situação embaraçosa que Alma, o pai, tendo sido eles próprios jovens rebeldes, tendo-se arrependido e acertado sua vida com o Evangelho, e então acabam encontrando seus filhos cometendo os mesmos erros levianos. O que soubera Alma, o filho, a respeito da vida de seu pai como um dos sacerdotes iníquos do Rei Noé? Estaria possivelmente justificando suas próprias ações com base nas experiências passadas de seu pai? Como um pai, que teve problemas em sua própria juventude, pode aconselhar a um filho transviado, sabendo intimamente os problemas e desejos que estimulam a rebelião? Quem, entre nós, que tenha tido este problema, pode ler o relato de

Alma sem sentir um interesse pessoal pela narrativa?

Algumas vezes os avós têm maior influência sobre os netos do que os pais. Embora eu não queira dar a entender que era esse o caso com os filhos de Mosiah, nunca posso ler o relato de seus esforços missionários sem me lembrar do último (Vide Mosiah 1-4.) Fico sem-mo discurso de Benjamim a seu popre imaginando se os filhos de Mosiah tinham uma cópia daquele discurso. Certamente seu avô deve ter ficado orgulhoso da maneira pela qual eventualmente seus netos adotaram seus valores e puseram em ação os seus princípios.

O Livro de Mórmon está repleto de tais relações familiares, muitas delas apenas subentendidas. Por exemplo, quem era a esposa de Alma, o pai? Quem foi a mulher que passou por todas as experiências do deserto com Alma e lutou ao lado dele através da rebelião de seu filho — ou teria ela morrido e deixado Alma levar sozinho essa pesada carga? E o que deveremos dizer a respeito da esposa de Alma, o filho, que criou três filhos (pelo menos) enquanto ele estava longe durante tanto tempo, servindo como missionário do Senhor? Ela deve ser uma das grandes personagens das Escrituras.

Alguns dos mais interessantes aspectos do Livro de Mórmon são essas partes que não estão escritas. É necessário que nós preenchamos os espaços em branco e tentemos reconstruir essas relações que não são especificamente mencionadas, mas que são parte da história familiar dessas pessoas.

As principais preocupações dessas famílias do Livro de Mórmon são extremamente relevantes para nossa própria época, por serem preocupações eternas. Elas se focalizam em facetas da vida que nunca mudam. Verdadeiramente, o Livro de Mórmon é uma obra para nossos tempos. Entretanto, para dele obtermos o máximo, precisamos aprender a lê-lo de maneira criadora. Precisamos, como sugere o Presidente Young: lê-lo como se o tivéssemos escrito. Então poderemos começar a entender o que os profetas compreendiam, e começar a descobrir algo sobre Deus.

Tenho uma Pergunta



Perguntas de interesse geral do Evangelho respondidas para orientação, não como pronunciamentos doutrinários da Igreja. Por que o Livro de Mórmon é o "livro mais correto" e como é que ele contém a plenitude do Evangelho? Monte S. Nyman, professor assistente de escritura antiga da Universidade de Brigham Young.

Foi o Profeta Joseph Smith quem disse que o Livro de Mórmon era "o mais correto de todos os livros sobre a terra." (*Documentary History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, 4:461.) Infelizmente as pessoas às vezes crêem que a palavra correto é sinônimo de perfeito, e esperam que o Livro de Mórmon seja perfeito na gramática, ortografia, pontuação, clareza de expressão e sob todos os outros aspectos mecânicos. Quando descobrem que houve muitas mudanças no texto desde a primeira edição, ficam desiludidas. As mudanças feitas são compreensíveis quando se leva em consideração que o manuscrito original foi escrito através de ditado e então enviado aos editores sem qualquer pontuação. O próprio profeta supervisionou duas revisões para corrigir esses e outros erros mecânicos, assim como esclarecer certas frases.

Assim, quando ele disse que o Livro de Mórmon é "o livro mais correto", estava-se referindo a algo muito mais importante do que mecânica superficial, fato que é apoiado pelo restante de sua declaração. O Livro de Mórmon, disse ele, é "a pedra angular de nossa religião, e um homem se aproximará mais de Deus através do cumprimento de seus preceitos do que dos de qualquer outro livro." (DHC 4:461.) Considerada pelo seu todo, a declaração do Profeta refere-se à exatidão do livro em sua doutrina religiosa.

Ele é correto no fato de conter a plenitude do Evangelho.

O que é a plenitude do Evangelho? Alguns podem argumentar que, por não ter o Livro de Mórmon todas as doutrinas do Evangelho **restaurado**, i. é, o casamento eterno, os três graus de glória, não pode, portanto, conter a plenitude do Evangelho.

Mas o Anjo Morôni disse a Joseph Smith que "havia um livro depositado, escrito sobre placas de ouro, ... que nele se encerrava a plenitude do Evangelho eterno, como foi entregue pelo Salvador aos antigos habitantes." (Veja Joseph Smith 2:34.) Ademais, no livro Doutrina & Convênios o Senhor diz diversas vezes que o Livro de Mórmon realmente contém a plenitude do Evangelho. (Veja D&C 20:9; 27:5; 35:17; 42:12.)

O que o Senhor quer dizer com plenitude do Evangelho? Conforme definida em 3 Néfi 27:13-22, é que Jesus Cristo veio à terra para fazer a vontade do Pai, oferecendo-se em sacrifício expiatório a fim de que o homem se arrependa e venha a ele.

Portanto, aqueles que satisfazem às condições estabelecidas pelo Salvador serão considerados sem culpa diante do Pai no dia do julgamento. Essas condições são (1) exercer fé em seu sacrifício expiatório; (2) arrepender-se de todos os seus pecados; (3) ser batizado em seu nome, o que infere a autoridade e o método apropriado que ele descreveu; e (4) ser santificado pela recepção do Espírito Santo, que envolve ser purificado e sobrepujar todo o mal. Assim, a plenitude do Evangelho é o plano ou os princípios e ordenanças necessários para o homem recuperar o direito à presença do Pai.

Esses mesmos princípios são ensinados na Bíblia, mas não com tanta clareza quanto o são no Livro de Mórmon. O Presidente Harold B. Lee disse: "Não há nada melhor que possamos fazer para nos prepararmos espiritualmente do que ler o Livro de Mórmon. Muitas doutrinas que são tratadas somente parcialmente na Bíblia, são explicadas de maneira bela no Livro de Mórmon. Doutrina & Convênios e na Pérola de Grande Valor." (*Improvement Era*, janeiro de 1969, pp. 13-14.)

Doutrina & Convênios e a Pérola de Grande Valor fornecem compreensão adicional das doutrinas que são necessárias para que o homem seja exaltado no reino celestial. Mas os preceitos básicos, a plenitude do Evangelho, estão no Livro de Mórmon. Precisamos chegar a uma compreensão desses preceitos antes de podermos iniciar o caminho para a exaltação.

Tenho testemunhado grandes mudanças na vida das pessoas através da aplicação dos preceitos do Livro de Mórmon e da identificação com eles. Se simplesmente estudarmos o Livro de Mórmon, veremos que é o mais correto dos livros e ele nos aproximará mais de Deus se observarmos e vivermos seus preceitos.



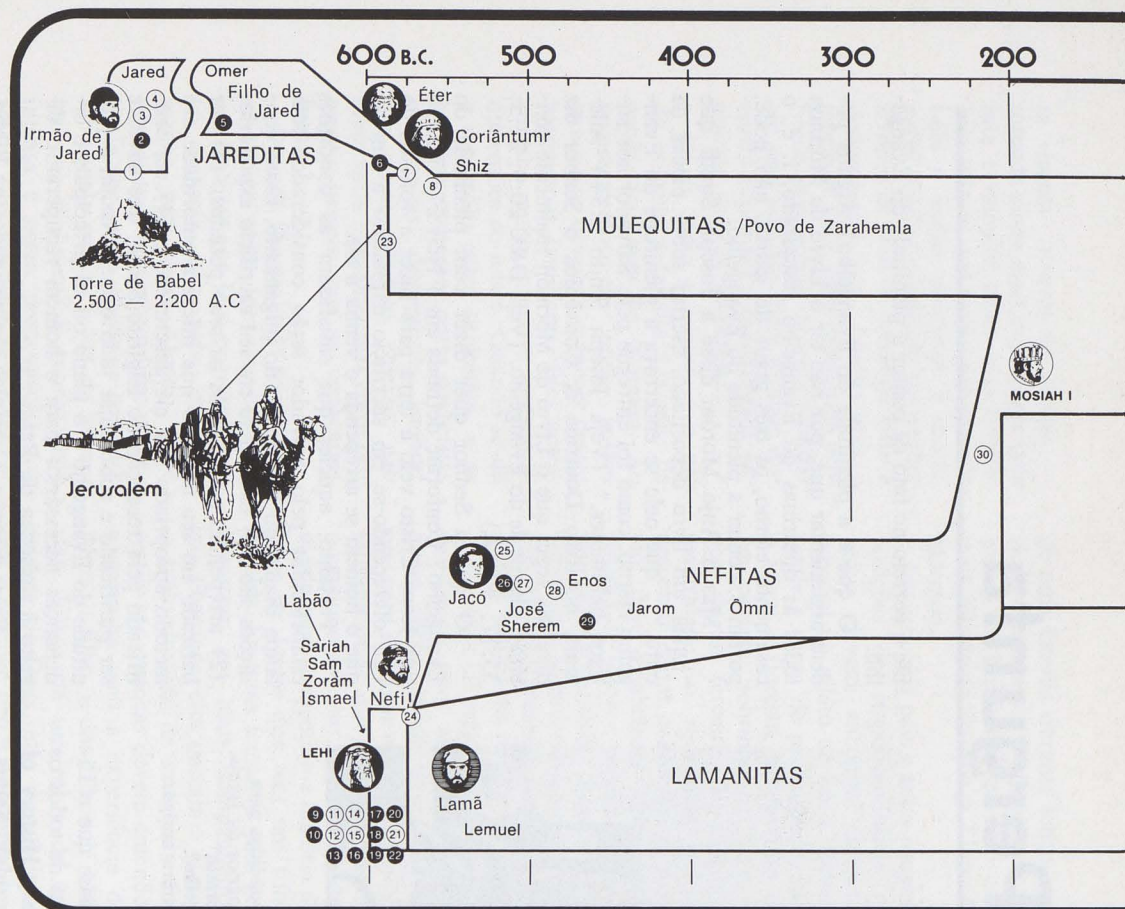
○ Principais
● Secundários

- 1 Torre de Babel — não confundida a língua dos Jareditas. (Éter 1:33-37)
- 2 Os Jareditas viajaram para o grande mar e barcos foram construídos. (Éter 2:1-18)
- 3 O Irmão de Jared viu o Cristo pré-mortal. (Éter 3:6-16)
- 4 Os Jareditas viajaram para a terra prometida. (Éter 6:1-12)
- 5 Combinação secreta entre Jared e Akish. (Éter 8:7-19)
- 6 O profeta Éter admoestou o Rei Coriantumr e os Jareditas. (Éter 12:1-5; 13:1-22)
- 7 Destruição dos Jareditas. (Éter 15:13-32)
- 8 Coriantumr — último sobrevivente Jaredita descoberto pelos mulequitas. (Éter 15:32. Veja também Omni 20-22)
- 9 Visão de Léhi da destruição de Jerusalém. (1 Néfi 1:6-15)
- 10 Ordenado a Léhi que deixasse Jerusalém. (1 Néfi 2:1-4)
- 11 Família de Léhi sai de Jerusalém. (1 Néfi 2:1-4)
- 12 Néfi e seus irmãos obtiveram as placas de latão de Labão. (1 Néfi 3; 4)
- 13 Zoram, servo de Labão, juntou-se à família de Léhi. (1 Néfi 4:35, 38)
- 14 A família de Ismael juntou-se a Léhi. (1 Néfi 7)
- 15 O sonho de Léhi sobre a árvore da vida. (1 Néfi 8)
- 16 Visões e profecias de Néfi. (1 Néfi 11-15)
- 17 Descoberta a Liahona. (1 Néfi 16:9-16)
- 18 Quebrado o arco de Néfi. (1 Néfi 16:18-32)
- 19 Morte de Ismael. (1 Néfi 16:34-39)
- 20 A construção de um barco em Abundância. (1 Néfi 17:8-17; 18:1-5)
- 21 Viagem para a Terra Prometida. (1 Néfi 18:5-23)
- 22 Néfi fez dois conjuntos de placas. (1 Néfi 19)
- 23 Mulequitas deixam Jerusalém. (Omni 15, 16)
- 24 Separam-se os nefitas e lamanitas. (2 Néfi 5)
- 25 Jacó sucede a Néfi como profeta. Morte de Néfi. (Jacó 1)
- 26 O discurso de Jacó. (Jacó 2-6)
- 27 Sherem defronta-se com Jacó. (Jacó 7)

- 28 Enos é perdoado de seus pecados. (Enos)
- 29 Infrutíferos os esforços para ensinar o Evangelho aos lamanitas. (Enos 14)
- 30 Mosiah I lidera os nefitas justos para Zarahemla, partindo de Néfi. (Omni 12-19)
- 31 O Rei Benjamin reinou em Zarahemla. (Omni 23-25; Palavras de Mórmon 12-18)
- 32 Zeniff sai de Zarahemla e estabelece uma colônia nefita na terra de Néfi. (Omni 27:30; Mosiah 9:1-9)
- 33 O discurso do Rei Benjamin. (Mosiah 2-5)
- 34 Mosiah II torna-se rei de Zarahemla (Mosiah 6)
- 35 Com a ajuda do Senhor, Zeniff e seu povo prevalece contra os lamanitas. (Mosiah 9:14-19; 10)
- 36 Noé sucede Zeniff como rei da colônia nefita. (Mosiah 11:1-5)
- 37 Ministério e morte de Abinadi. (Mosiah 12-17)
- 38 Convertido Alma, o pai — batizado nas Águas de Mórmon. (Mosiah 17; 18)

- 39 Insurreição de Gideão contra Noé. (Mosiah 19)
- 40 A morte, pelo fogo, do Rei Noé. 19 (Mosiah 19:19, 20)
- 41 Limhi, o filho de Noé, torna-se rei dos nefitas em cativeiro. (Mosiah 19)
- 42 Descobertas as vinte e quatro placas de ouro. (Mosiah 21:25-27)
- 43 Amon leva o povo de Limhi para Zarahemla. (Mosiah 7; 22)
- 44 Alma, o pai, e seus seguidores são postos em cativeiro em Helam. (Mosiah 23; 24)
- 45 Libertado, o povo de Alma chega em Zarahemla. (Mosiah 24:13-25)
- 46 Alma, o pai, feito sumo sacerdote sobre os nefitas, em Zarahemla. (Mosiah 25:15-21; Alma 4:18)
- 47 Conversão de Alma, o filho, e dos quatro filhos de Mosiah (Mosiah 27)
- 48 Os quatro filhos de Mosiah saem em missão junto aos lamanitas. (Mosiah 28:1-9)

- 49 Alma o filho torna-se guardião dos anais, chefe dos juizes e sumo sacerdote sobre os nefitas. (Mosiah 28:20; 29:42-44)
- 50 Início do reinado dos juizes. (Mosiah 29:44)
- 51 Morte de Mosiah II e Alma, o pai. (Mosiah 29:45; 46)
- 52 Nehor introduz as intrigas sacerdotais entre os nefitas. (Alma 1:1-15)
- 53 Amlici procura tornar-se rei dos nefitas. (Alma 2:1-31)
- 54 Alma, o filho, renuncia ao assento de juiz em favor de Nefihah. (Alma 4:11-20)
- 55 Alma, o filho, e Amuleque pregam aos amonitas. (Alma 8:10; 12; 13)
- 56 Convertido Zeezrom. (Alma 11:14; 15)
- 57 Destruida a cidade de Amoniah por um exército lamanita. (Alma 16:1-12)
- 58 Reunião de Alma, o filho, e dos quatro filhos de Mosiah. (Alma 17:1-4)
- 59 Convertidos o Rei Lamoni e sua casa. (Alma 17; 18; 19)



Convertidos o Rei Lamôni e sua casa. (Alma 17; 18; 19)

Os quatro irmãos de Moisés saem em missão junto aos lamanitas. (Mosiah 28:1-9)

Convertido Alma, o pai — batizado nas Águas de Mórmon. (Mosiah 17; 18)

Sherem defronta-se com Jacó. (Jacó 7)

UM CORAÇÃO EM PAZ



Traduzir a escrita antiga e de aparência estranha das placas de ouro não era uma tarefa que qualquer um pudesse fazer. Essa obra importante precisava ser feita por alguém que estivesse especialmente preparado pelo Senhor para fazê-lo.

Devido à sua natureza espiritual e ao seu desejo de aprender a verdade, Joseph Smith foi provado e considerado digno de ser o tradutor do Livro de Mórmon. Para ajudá-lo com a tradução, Joseph encontrou com as placas de ouro “um instrumento curioso que os antigos chamavam de Urim e Tumim, que consistia de duas pedras transparentes engastadas em um aro de um arco preso a um peitoral.”

Joseph usou também uma pedra marrom, oval, chamada de pedra do vidente, para traduzir. A tradução foi feita na casa de Peter Whitmer, um amigo do Profeta, onde Oliver Cowdery, Emma Smith (esposa de Joseph), um dos membros da família Whitmer, ou Martin

Harris escreviam as palavras escritas pelo Profeta logo que elas lhe eram dadas a conhecer.

Martin Harris disse que na pedra do vidente “apareciam sentenças que eram lidas pelo Profeta e escritas por (aquele que as estivesse escrevendo) e quando terminava (aquela pessoa) diria ‘escrito’; e, se escrita corretamente, a sentença desaparecia, e uma outra tomava o seu lugar; mas se não estivesse escrita corretamente, ela permanecia até ser corrigida, de modo que a tradução fosse exatamente como estava gravada nas placas.”

Mesmo com a ajuda do Urim e Tumim, e da pedra do vidente, não foi fácil traduzir o registro sagrado. Exigiu a maior concentração e força espiritual do Profeta.

O amigo de Joseph, David Whitmer, disse que às vezes, quando o Profeta tentava traduzir, “ficava espiritualmente cego” e não podia fazê-lo. Joseph explicou que quando isso acontecia era “porque sua mente se concentrava demais nas coisas mundanas”.

Certa manhã, o Profeta estava aborrecido com sua esposa Emma, devido a uma questão familiar. Quando subiu para o lugar onde Oliver Cowdery e David Whitmer estavam esperando para continuar a tradução, ele ainda estava magoado com sua esposa. Joseph tentou traduzir mas nem uma palavra veio a ele; e ele sabia por quê. Joseph desceu e foi ao pomar onde orou ao Senhor.

Depois de cerca de uma hora, Joseph retornou à casa sentindo-se humilde e arrependido. Pediu a Emma que o perdoasse por sua falta de compreensão. Então subiu novamente e pôde traduzir sem dificuldade alguma.

David Whitmer também compreendia por que o Profeta não pudera traduzir havia apenas uma hora. Disse ele: “Vemos agora como o Senhor é austero, e como exige que o coração do homem esteja reto antes de poder receber revelações dele.”

Érico não conseguia fazer nada certo! Quando enxugava a louça para sua mãe, sempre deixava cair alguma coisa, quebrando-a e espalhando os cacos pelo chão. Quando ajudava seu pai a arrancar o mato do jardim, arrancava junto os pés de flores. Quando seu irmão mais velho, Ari, o deixou empinar seu papagaio, este foi direto para uma árvore e ficou enroscado. Érico não podia nem amarrar seus sapatos sem deixar o cadarço cheio de nós.

Mas, certa manhã, Érico decidiu que ia fazer tudo certinho. Vestiu-se e arrumou a cama. Depois colocou os pijamas na gaveta certa. Enquanto a família tomava o desjejum, mamãe disse: "Érico, passe o açúcar, por favor." Érico apressou-se em pegar o açucareiro, mas seu cotovelo bateu em um copo de leite, derramando-o no colo de Ari.

"Érico, por que é que você não pode fazer nada certo?" ralhou Ari quando o leite come-

çou a ensopar suas calças. O lábio de Érico começou a tremer e apareceram-lhe lágrimas nos olhos.

"Foi um acidente, Ari, "disse mamãe baixinho. "Por favor, tente ser um pouco mais compreensivo."

"Bem, espero que Érico aprenda a fazer as coisas antes de ter sete anos," resmungou Ari quando ia trocar as roupas.

Érico terminou de comer o pão e saiu. Sentou-se em seu lugar favorito perto da cerca de madeira. **Não consigo fazer nada certo, pensou Érico, e me esforcei tanto esta manhã. Talvez deva ficar aqui o dia inteiro, sem fazer nada. Assim, não farei nada errado! Quanto mais Érico pensava nesta idéia, mais gostava dela. "Não farei nada, nada mesmo pelo resto do dia," disse ele em voz alta.**

Assim, Érico encostou-se contra a cerca branca e colocou-se numa posição confortável. O sol estava quente, o aroma das flores enchia o ar e ele observava duas formigas passarem apressadas, carregando uma folha sobre a cabeça, como se fosse um guarda-chuva aberto. Érico gostava de ficar sem fazer nada. Além



VOCÊ NÃO PODE FICAR COMPLETAMENTE SEM FAZER NADA

Blaine R. Worthen

Ilustrado por Stephanie Clark





disso, quando ele não fazia absolutamente nada, não podia fazer coisa alguma errada.

Foi aí que passou algo zunindo perto do ouvido de Érico. Ele ficou tão surpreso que seu coração começou a bater mais rápido até que viu que havia sido apenas um beija-flor. Ao observá-lo afastar-se, Érico começou a rir. **Não estou fazendo nada, pensou, mas meu coração continua batendo.**

Repentinamente, Érico compreendeu que estivera também fazendo uma outra coisa. Ele estivera vendo!

Érico fechou os olhos de modo a que não fizesse nada mesmo, mas justamente nesse momento sentiu algo em sua mão. Ele abriu os olhos e olhou para baixo. Uma taturana fel-puda estava-se arrastando através de seus dedos. Ele sorriu e gentilmente colocou a taturana na folha de uma planta. **Sentir também é fazer alguma coisa, decidiu Érico. É difícil ficar completamente sem fazer nada.**

Respirou profundamente, suspirou e começou a pensar que respirar era fazer alguma coisa. Repentinamente, começou a imaginar se pensar também não era fazer alguma coisa, e ele não havia parado de pensar desde que se sentara em seu lugar favorito.

Talvez se eu não pensasse em nada, nada mesmo, pudesse evitar o pensamento, pensou Érico. Assim ficou ele com os olhos fechados, tentando não pensar em nada.

Mas um passarinho começou a cantar e Érico compreendeu que o estava ouvindo, e ouvir também era fazer alguma coisa.

Depois de alguns minutos, Érico ouviu mais alguma coisa. Sua mãe o estava chamando para almoçar. E ele sabia ter estado fazendo uma outra coisa — ele estivera ficando com fome.

Érico levantou-se de um salto e correu para dentro de casa. Depois de lavar as mãos, sentou-se à mesa e sua mãe lhe perguntou o que estivera fazendo durante toda a manhã.

“Sai e sentei-me sozinho junto à cerca, decidindo não fazer nada porque estou sempre fazendo alguma coisa errada,” respondeu Érico. “Mas descobri que não se pode ficar sem fazer nada.”

“Acho que seria muito difícil fazer isso,” concordou mamãe. “Assim, o que foi que você fez?”

“Bem,” disse-lhe Érico, “eu senti o aroma das flores, senti uma taturana, vi um beija-flor e duas formigas, ouvi um passarinho cantando e você chamar-me para almoçar. E descobri que durante todo o tempo estive respirando, meu coração continuou batendo e meu estômago foi ficando com mais fome.”

Mamãe sorriu enquanto se abaixava e abraçava Érico. “Esta foi uma manhã maravilhosa,” disse ela.

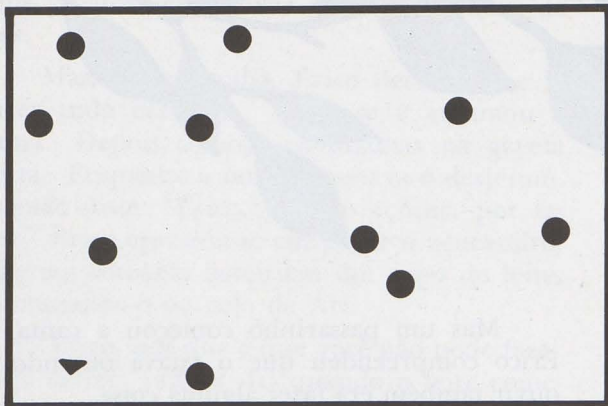
E Érico concordou.

SÓ PARA DIVERTIR

SEPARAR OS PONTOS

Richard Latta

Você pode separar cada um dos dez pontos dos outros com apenas quatro linhas retas?



LIGAR OS PONTOS

Roberta L. Fairall

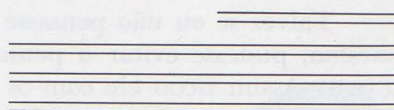


Walt Trag

Faça uma linha iniciando na ENTRADA, até a SAIDA, sem cruzar nenhuma das linhas pretas.



RESPOSTAS:
Quebra-Cabeças dos Cachorros:
Um "Chihuahua"
mexicano, um "Collie",
um Galgô e um "Cocker Spaniel".
Separar os Pontos:



**QUEBRA-CABEÇAS DOS CACHORROS
PARA COLORIR.**

Preencha os espaços que têm pontos e veja que espécies de cachorros pode encontrar.

Preencha os espaços que têm pontos e veja que espécies de cachorros pode encontrar.





JOSÉ



Brenda Bloxham

Quando o Pai Léhi foi avisado pelo Senhor de que a cidade de Jerusalém seria destruída e que ele deveria levar sua família para uma nova terra, Léhi obedeceu. Sua dificultosa viagem através do deserto durou oito anos. (1 Né. 17:4.) Então, o Senhor orientou-os para que construíssem um navio e viajassem para a terra que lhes havia preparado.

Léhi havia envelhecido na nova terra. Chamou seus filhos, um por um, para dar-lhes uma bênção final antes de sua morte. Deu bênçãos especiais a Lamã, Lemuel, Néfi, Sam e Jacó prometendo-

lhes grandes recompensas se vivessem dignamente. Finalmente chegou a vez de José. Ele era o filho mais novo de Léhi. Juntamente com seu irmão Jacó, José havia nascido enquanto a família viajava pelo deserto.

Primeiramente Léhi disse a José o quanto o amava. Disse-lhe da grande alegria que ele havia dado a seus pais durante suas viagens, quando estavam passando por tempos tão difíceis.

E então Léhi deu uma grande promessa a José: seus descendentes nunca seriam completamente destruídos.

Léhi falou-lhe de outro José, um de seus ancestrais, que, quando jovem havia sido vendido ao Egito por seus irmãos. Esse homem havia-se tornado um grande personagem na terra do Egito, menor apenas do que o próprio faraó. Havia permanecido muito próximo do Senhor e tentara fazer o que supunha que o Senhor queria que ele fizesse. O Senhor o abençoara de modo que pôde salvar muitas pessoas de uma terrível fome, estando entre elas até seu próprio pai e irmãos.

Esse José tivera uma visão na qual divisara seus descendentes que ainda viriam à terra. Pudera ver Léhi e seu filho José. E essa visão havia sido registrada, para que outros a pudessem ler e aprender por seu intermédio.

Ele vira que muitos de seus descendentes seriam destruídos, mas o Senhor lhe havia prometido que alguns deles sempre viveriam sobre a terra. Léhi e seu filho, José, eram parte dessa família. E tal era uma das razões por que o Senhor os tirara da terra de Jerusalém antes de que aquela grande cidade fosse destruída. Estava cumprindo sua promessa a José.

José do Egito viu também que dois registros sagrados seriam mantidos. Um deles seria a história de seus descendentes. Esse seria chamado de "a vara de José". Outro registro também estava sendo guardado pelo povo do Velho Mundo. Esse era uma história dos descendentes de Judá, o irmão de José. Ele deveria ser chamado de "a vara de Judá". Juntas, essas duas

varas (ou histórias) conteriam as leis e mandamentos que Deus havia dado aos seus profetas. Elas conteriam as bênçãos prometidas aos descendentes de José e Judá. Os registros se testificariam mutuamente e juntos estabeleceriam a paz.

José do Egito viu também que nos últimos dias nasceria um grande homem entre seus descendentes. Ele seria um profeta de Deus e seria capaz de traduzir "a vara de José", esse registro dos descendentes de José. E poderia também convencer muitas pessoas de que esse registro era realmente a palavra de Deus. Tal profeta também seria chamado José, e o nome de seu pai seria também José. (Sabemos hoje que esse profeta era Joseph Smith Jr. e a vara de José que ele traduziu é o Livro de Mórmon.)

Léhi terminou a história de José e deu a seu filho outra grande promessa: "Portanto, por causa deste convênio, és abençoado; porque tua semente não será destruída, pois que escutarão as palavras do livro." (2 Né. 3:23.) Léhi prometeu a seu filho José não somente que seus descendentes permaneceriam para ler o Livro de Mórmon, mas também que muitos deles o compreenderiam, aceitariam e seriam batizados na Igreja de Jesus Cristo.

Por ser José ainda um jovem, Léhi aconselhou-o a seguir o exemplo de seu irmão Néfi e a viver os mandamentos de Deus. Então essas bênçãos especiais poderiam ser dadas a ele e a seus filhos. (Veja 2 Néfi 3.)

História do Livro de Mórmon

Elizabeth F. Bates

Elizabeth F. Bates

Vigorosamente

1. No Li — vro de Mór — mon nós po — de — mos en — con — trar
 2. La — ma — ni — tas e Ne — fi — tas vi — vem a lu — tar

To — da a his — tó — ria de um po — vo mui — to sin — gu — lar
 E os pro — fe — tas ten — tam su — as vi — das me — lho — rar

Que a es — ta ter — ra ve — io a — tra — ves — san — do o mar
 O Li — vro de Mór — mon diz que to — dos são ir — mãos

Por — que Deus su — as vi — das quis pou — par.
 De — vem, pois, con — vi — ver em u — nião.

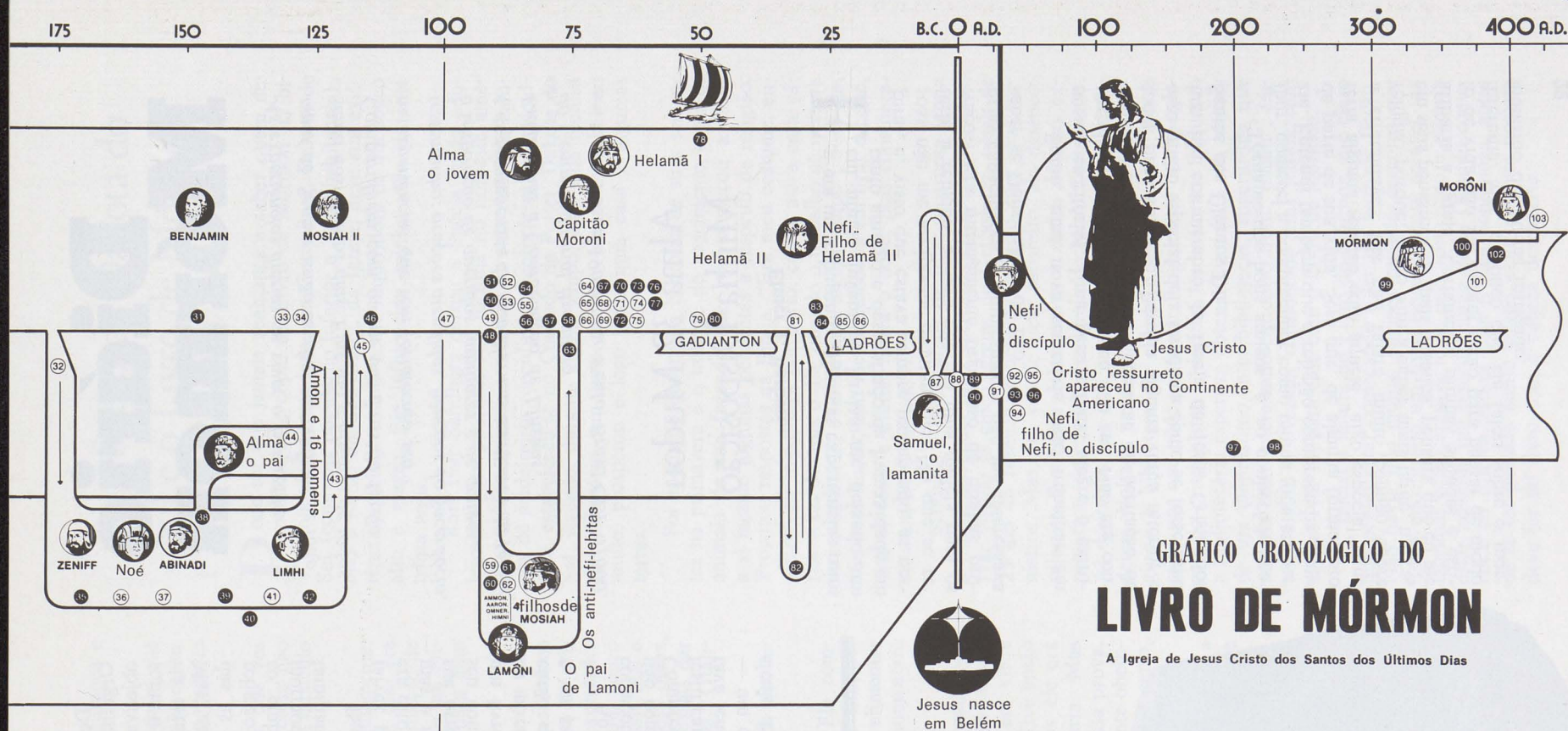


GRÁFICO CRONOLÓGICO DO LIVRO DE MÓRMON

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

- 60 Amom e Lamoni encontram o pai de Lamoni. (Alma 20)
- 61 Aarão prega o Evangelho ao pai de Lamoni e à sua casa. (Alma 22)
- 62 Convertidos os anti-néfi-lehitas. (Alma 23-25; 27)
- 63 Dada a terra de Jershon aos anti-néfi-lehitas. (Alma 27)
- 64 Corior, o anticristo, foi punido com a mudez. (Alma 30)
- 65 Alma, o filho, dirige uma missão entre os zoramitas (Alma 31-35)
- 66 O Capitão Morôni vence Zerahemnah (Alma 43; 44)
- 67 Desaparecimento de Alma, o filho. (Alma 45:15-19)
- 68 Amaliquah tenta tornar-se rei dos nefitas. (Alma 46:1-10)
- 69 O estandarte da liberdade reagrupa os nefitas amantes da liberdade. (Alma 46:11-37)
- 70 O Capitão Morôni prepara os nefitas para defenderem sua liberdade. (Alma 48:50)

- 71 O Capitão Morôni vence os realistas. (Alma 51)
- 72 Teancum mata Amaliquah, que foi sucedido por Amoron. (Alma 51:33, 34; 52:3)
- 73 O Capitão Morôni, Léhi e Teancum retomaram várias cidades capturadas. (Alma 52-55)
- 74 Helamã I e os jovens guerreiros ajudaram os nefitas. (Alma 53; 56-58)
- 75 O Capitão Morôni e Pahoran correspondem-se. (Alma 59-61)
- 76 Expulsos os lamanitas das terras nefitas e estabelecida a paz. (Alma 62:12-52)
- 77 Morte do Capitão Morôni e de Pahoran. (Alma 63:3; Helamã 1:2)
- 78 Hagote constrói navios e lança-se ao mar. (Alma 63:5-8)
- 79 Quishcúmen forma uma combinação secreta e assassina o filho de Pahoran. (Helamã 1:1-12)
- 80 Gadianton torna-se líder do bando de Quishcúmen. (Helamã 2)
- 81 Convertidos milhares de lamanitas através dos esforços de Nefi e Lehi. (Helamã 5)

- 82 Os lamanitas são mais retos do que os nefitas e enviam missionários entre os nefitas. (Helamã 6:1-6)
- 83 Livre intercâmbio comercial entre os nefitas e lamanitas. (Helamã 6:7-9)
- 84 Os ladrões de Gadianton obtêm controle sobre o governo Nefita. (Helamã 6:15-41)
- 85 Nefi, filho de Helamã II, profetiza o assassinato do juiz supremo. (Helamã 7-9)
- 86 Nefi, filho de Helamã II, recebe grande poder. (Helamã 10; 11)
- 87 Samuel, o lamanita, adverte os nefitas. (Helamã 13-15)
- 88 Dados sinais do nascimento do Salvador. (3 Néfi 1)
- 89 Lacone e Gidiani derrotam os ladrões de Gadianton. (3 Néfi 3; 4)
- 90 Os nefitas são divididos em tribos. (3 Néfi 7)
- 91 Dados sinais da morte de Cristo. (3 Néfi 8)
- 92 Jesus Cristo apareceu aos nefitas. (3 Néfi 11-17)
- 93 Jesus escolhe doze discípulos entre os nefitas. (3 Néfi 12-1)

- 94 Jesus ensina o Evangelho e organiza sua Igreja. (3 Néfi 12-27)
- 95 Era de paz acompanhando o ministério de Cristo. (4 Néfi)
- 96 Os três nefitas são transformados. (3 Néfi 28)
- 97 Algumas pessoas revoltam-se e tornam-se lamanitas. (4 Néfi 20)
- 98 Dividido o povo entre nefitas e lamanitas. (4 Néfi 35-42)
- 99 Amaron confia a Mórmon o cuidado das placas. (Mórmon 1:1-4)
- 100 Mórmon deposita todas as placas exceto as de Mórmon, as quais dá a seu filho Morôni. (Mórmon 6:6)
- 101 Batalha final entre os nefitas e lamanitas em Cumorah. (Mórmon 6:7-15)
- 102 Morôni fica vagando, sozinho e resume a história Jaredita. (Mórmon 8, Éter 1:1, 2; Morôni 1:1)
- 103 Morôni registra sua despedida e deposita as placas de Mórmon no Monte Cumorah. (Morôni 10)

Diário Mórmon

As experiências diárias de viver o Evangelho e amar ao Senhor estão escritas no coração de todo santo dos últimos dias. Elas são a história de todos. Compartilhem com outros membros da Igreja as experiências que têm fortalecido seu testemunho: orações atendidas, bênçãos do Sacerdócio, a inspiração de queridos familiares e de amigos, e as recompensas do trabalho nas auxiliares da Igreja. Enviem-nas à Coordenação de Línguas do Centro Editorial Brasileiro
— Caixa Postal 19079, São Paulo, Brasil CEP 01000.

Alma 32 Mudou Minha Disposição

Elmer J. Barberi

Eu era um rabugento. Algumas experiências ruins em minha juventude haviam-me deixado um tanto amargo e desconfiado da humanidade em geral, e, visto que estava sempre reclamando, as pessoas não me aceitavam prontamente. No que se referia a religião, achava que era uma muleta para os fracos. Era intensamente orgulhoso de minhas próprias capacidades e simplesmente não me interessava saber se Deus existia ou não.

Então, uma nova secretária veio trabalhar em nossos escritórios. Uma pessoa feliz, alegre e extrovertida, ela era tudo o que eu não era. Não era convencida, mas não parecia necessitar da aceitação de todos para sustentar-se. Possuía alguma força interior e algo muito especial dela irradiava como se fosse uma luz. Ela era membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Tornamo-nos bons amigos, e, ao conhecê-la melhor, comecei a compreender como minha vida era vazia. Entendi também que a religião compreendia grande parte de sua vida. Será que, de alguma forma, isto teria alguma relação com aquele “algo especial” que a circundava? Ela não falara muito comigo sobre religião porque, como vim a saber mais tarde, nunca, em seus pensamentos mais ousados, pensara que eu me afiliaria à Igreja. Certamente minhas atitudes e estilo de vida não lhe davam razão para pensar de modo diferente. Mas, o pouco que ela falou sobre o mormonismo deixou-me intrigado.

Decidi realizar minhas próprias investigações. Orgulhando-me do pensamento lógico e da pesquisa objetiva, fui à biblioteca pública e retirei quatro livros sobre o mormonismo, dois a favor e dois contra. (Queria estar certo de obter os dois lados da história.) Mas, ao começar a ler, aconteceu algo estranho. Todas as coisas que eu não pudera aceitar acerca de religião não faziam parte do mormonismo. Além disso, embora houvesse novos conceitos e doutrinas no mormonismo, esses pareciam verdadeiros, vagamente familiares.

Para minha consternação, comecei a sentir que talvez pudesse aceitar essa filosofia mórmon. Muito era dito nesses livros a respeito do Livro de Mórmon, mas a maioria o era ou em sua defesa ou atacando sua origem. Muito pouco era revelado a respeito de seu conteúdo. Um autor anti-mórmon disse que era um livro muito peculiar pois as pessoas que o liam ou o consideravam a fraude mais vil e óbvia, ou então que era divinamente inspirado. Decidi lê-lo e ver por mim mesmo o que havia de peculiar nele.

Ao iniciar a leitura, uma outra coisa estranha começou a acontecer. Tive algumas experiências que não compreendi, mas senti-me bem quanto a elas. Compreendi mais tarde que o Espírito Santo estava testificando a mim da veracidade daquilo que eu estava lendo. Prossegui a leitura até chegar a Alma 32 — um capítulo muito especial para mim. Li no versículo 17: “Sim, há muitos que dizem: Se nos mos-



trarem um sinal do céu saberemos com segurança e então acreditaremos.”

É isso mesmo! Pensei. Era exatamente assim que eu me sentia. Se existe um Deus, por que ele não desce, simplesmente, e se mostra a todos? Então li a resposta de Alma:

“E pergunto-vos agora: Isso é fé? Eis que vos digo: Não; Porque se alguém conhece uma coisa não tem motivo para crer já que a conhece.” (versículo 18.)

Um momento. Como é que é? Li repetidamente. Nunca havia pensado nisso sob este aspecto, mas era uma verdade muito óbvia. Tive a estranha intuição de que isto iria ter implicações de longo alcance em minha vida. O próximo versículo significativo para mim foi o 27:

“Mas, eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras (adoro fazer experiências. Elas lhe dão conhecimento de primeira mão — algo realmente tangível), e exercerdes um pouco de fé (não uma fé enorme, mas um pouco de fé) sim, ainda mesmo que não tenhais mais que o **desejo de acreditar**, fazei com que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma que possais dar lugar para uma porção de minhas palavras. (Itálicos acrescentados.)

A despeito de tudo que sentia, e da vida que levava, eu realmente desejava acreditar.

Alma continuou explicando a prova. Ele comparou o Evangelho a uma semente. Se você simplesmente plantar a semente em seu coração e a alimentar tentando viver o Evangelho, ela crescerá e aumentará no seu íntimo, e você saberá que é boa.

Bem, terminei o Livro de Mórmon e sabia que desejava um exemplar para mim. Telefonei aos missionários e eles ficaram mais do que felizes em vir e conversar comigo. Recebi as seis palestras. Tive então que decidir-me. Tinha um testemunho, mas ele era muito fraco. Não sabia se ele me sustentaria. Mas decidi aceitar a palavra de Alma e tentar essa prova. Eu seria batizado e tentaria ser completamente obediente durante um ano. Se a experiência desse certo, seria ótimo. Se não, eu não teria perdido muito.

Isto foi há cinco anos. Depois de começar a cumprir a Palavra de Sabedoria, pagar o dízimo e crescer no Evangelho, as pessoas começaram a dizer-me coisas que eu nunca ouvira antes — como eu parecia estar sempre feliz, como era amigoso, como as pessoas gostavam de mim e me respeitavam. Repentinamente, parecia que todos eram meus amigos e comecei a progredir de maneiras em que nunca achara possível. Depois de três anos conheci a moça com quem haveria de me casar, criar uma família e, eventualmente, construir o lar de nossos sonhos.

Sei que o Evangelho transforma vidas e se simplesmente nos esforçarmos por viver seus princípios, nosso Pai nos céus nos abençoará abundantemente.

Um Sueco do Dakota do Sul e o Livro de Mórmon

Gerald E. Jones

Pode ser que jamais venhamos a saber quem depositou uma cópia do Livro de Mórmon na biblioteca do condado, em Gettysburg, Dakota do Sul (com uma população inferior a 2.000 habitantes), mas o Ramo de Gettysburg, da Igreja, deve sua existência àquele livro e à mente inquiridora de um sueco alto e magro. Ele influenciou minha vida durante trinta anos.

Karl Ivar Sandberg deixou a Suécia ainda adolescente para procurar sua fortuna no noroeste americano. Mas, quando se cansou da vida rude nos campos de madeireiros, decidindo aventurar-se na agricultura, estabeleceu-se no Condado de Potter, Dakota do Sul, vivendo, durante algum tempo, uma vida reclusa de celibatário, em uma cabana. Mas ele trabalhou muito, prosperou e logo tinha uma casa e algumas terras.

Foi enquanto observava o brotar de suas sementes na primavera e o milagre do nascimento entre os animais de sua fazenda que Ivar começou a fazer a si mesmo algumas perguntas a respeito de religião. Procurou respostas na Bíblia. “Era meu costume, enquanto eu trabalhava por perto, correr até a casa várias vezes durante o dia, quando o trabalho não estava muito apertado, e ler durante algum tempo”, disse ele. “Se lesse ficção, não me incomodava em tirar o boné, mas se fosse a Bíblia, tirava o boné, pois considerava-a um livro sagrado.”

Sentindo a necessidade de filiar-se a uma igreja a fim de aprender mais acerca de Deus e suas obras, Ivar visitou as cinco igrejas de Gettysburg, cerca de 25 km da fazenda, e debateu religião com seus ministros. Mas, em vez de ficar satisfeito, ele desencorajou-se. Nenhuma delas estava à altura de suas expectativas de como era a igreja do Novo Testamento. As doutrinas por elas ensinadas não pareciam verdadeiras. Voltado para sua busca da verdade, Ivar dirigiu-se à biblioteca da cidade e leu todos os livros religiosos que pôde encontrar. Logo ele se desesperançou do cristianismo e decidiu ler o Corão. Enquanto a bibliotecária esperava obter o livro para ele, através de um empréstimo inter-bibliotecas, sugeriu-lhe que poderia estar interessado em outro livro “pagão”, embora alguns o tivessem considerado uma leitura cansativa. Ivar foi para casa com o Livro de Mórmon.

“Iniciei a leitura do Livro de Mórmon, e é claro que pensei estar começando a ler um livro de ficção. Não havia lido muitas páginas quando descobri que havia encontrado um livro extremamente notável. As lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto e parecia estar presente um espírito muito doce. Quando comecei a ler o livro, estava com o meu boné, mas, antes de se ter passado muito tempo, senti que um homem deve ler tal livro com a cabeça descoberta.

"Conforme me lembro, li o livro em aproximadamente três dias e parecia haver com ele o mais doce dos espíritos. Até onde podia ver, o livro podia ser verdadeiro, mas, ainda assim eu tinha o sentimento de que mais cedo ou mais tarde veria onde ele se contradiria.

"Achei a obra tão notável que a levei a um vizinho religioso. Pensei que ficaria muito entusiasmado com ele, mas quando voltei, depois de três dias, encontrei-o zombando do livro, dizendo que havia sido composto com uma porção de nomes tirados da Bíblia. Devolvi-o à biblioteca e pensei nele durante todo o verão. No entanto, ainda não podia ver onde o livro contradizia a si mesmo ou à Bíblia.

"Naquele ano, meu irmão Swen estava trabalhando para mim, e certa noite de sábado, no outono, enquanto estava se preparando para ir a Gettysburg, pedi-lhe que fosse até a biblioteca e solicitasse o Livro de Mórmon à bibliotecária. Ele o fez e, na manhã seguinte, sendo domingo, comecei a lê-lo logo depois de alimentar a criação. Naquela noite, antes de ir para a cama, eu havia lido todo o Livro de Mórmon. Estava mais impressionado do que nunca. Li-o todo mais uma vez antes de devolvê-lo à biblioteca, e eu sabia que era verdadeiro."

A biblioteca não tinha mais nenhum livro a respeito do mormonismo, assim, eles lhe indicaram a Livraria Deseret, na Cidade do Lago Salgado. Durante os dois anos seguintes, Ivar encomendou vários livros e ficou completamente convertido e um grande conhecedor das doutrinas da Igreja. Ele ainda não havia conhecido nem um santo dos últimos dias e decidiu eventualmente que precisava ir à Cidade do Lago Salgado e ser batizado.

A viagem em um velho Ford Modelo-A através de muitos quilômetros de terra batida desde o Wyoming foi tudo, menos encorajadora, e freqüentemente ele parava e orava ao lado de seu carro, pedindo forças para prosseguir. Seu primeiro contato com um mórmon foi com um empregado de um posto de gasolina ao norte de Utah, membro inativo da Igreja, e novamente ele ficou imaginando se deveria prosseguir. Mas, na manhã seguinte ele entrou em Lago Salgado, estacionou ao lado da Praça do Templo e disse a um dos vigias que tinha vindo unir-se à Igreja. Naquele domingo Ivar prestou seu testemunho na primeira reunião SUD que já havia assistido. "Como me rejubilei ouvindo os santos prestarem seu testemunho", disse ele, "Eu estava finalmente entre verdadeiros irmãos e irmãs. Depois da reunião parecia que quase todos vinham apertar-me as mãos."

Ivar foi batizado em 1.º de outubro de 1934 e, desejando permanecer na cidade dos santos, trabalhou durante algum tempo em Lago Salgado. Mas, depois de ser ordenado um élder, foi encorajado a voltar a Dakota do Sul para ajudar a estabelecer lá a Igreja. Ele partiu a tempo de plantar suas sementes na primavera seguinte.

Do presidente da Missão dos Estados Centrais do Norte ele obteve permissão para realizar a Escola Dominical em sua casa. Logo converteu uma professora muito agradável, Mildred Nelson, e com ela casou-se. Mais tarde, outros vizinhos começaram a aceitar o Evangelho. Naquela ocasião, um vizinho contou a meu pai a respeito dos estranhos acontecimentos ocorridos cerca de 8 quilômetros de nossa casa. Meu pai achava que a maioria das igrejas eram clubes sociais onde as mulheres iam exibir suas modas mais recentes e os homens pareciam honestos, a fim de ajudar os seus negócios durante a semana. Aceitou o desafio de "ensinar algumas coisas a esse sueco estranho e ignorante."

Nossa primeira reunião foi em uma escola que possuía apenas uma sala de aula com cerca de vinte pessoas presentes, sendo a metade delas investigadores. Eu mal podia entender o sotaque forte desse converso sueco, mas senti seu espírito. Era cálido e animador. Meu pai e eu conversamos muito a esse respeito e finalmente ele foi batizado dentro de um ano, em um pequeno lago na pradaria. O restante de nossa família foi batizado em datas posteriores.

Quando o Ramo de Gettysburg foi organizado, em 1948, com vinte e cinco membros conversos, Ivar Sandberg foi seu primeiro presidente, cumprindo uma promessa que lhe havia sido feita quando fora confirmado membro da Igreja muitos anos antes. Meu pai foi seu primeiro conselheiro.

Este era o ramo mais incomum da missão. Embora fosse formado inteiramente de famílias de fazendeiros, muitos tinham instrução universitária. Quase sempre eram famílias que se afiliavam à Igreja, iniciando-se com o pai. Havia ampla liderança do Sacerdócio, e quase todas as mulheres sabiam tocar piano e reger música.

Típica da influência de Irmão Sandberg, era a família Thompson, do Texas. Ambos os pais eram altamente cultos, haviam ensinado na escola secundária e eram fazendeiros, sendo também ativos na igreja protestante. Entretanto, com cinco filhos eles haviam decidido obter uma fazenda no Sul do Dakota. Viajando pela estrada, notaram uma pequena capela a cerca de doze quilômetros de Gettysburg. Curiosos e, de certa forma influenciados por um sonho que a sra. Thompson tivera no Texas, eles entraram em contato com Ivar. Desejavam mostrar-lhe como ele estava errado; mas, em menos de um ano, eram membros ativos do ramo.

Todo o ramo de Gettysburg deve sua existência a Ivar Sandberg e a um exemplar do Livro de Mórmon. No dia em que ele morreu, vítima de um acidente automobilístico, em 1949, tive o privilégio de partir como o primeiro missionário do ramo a ser chamado. Desde aí, um bom número tem cumprido missões em todo o mundo, inclusive cinco de seus próprios filhos e sua esposa, Mildred. Sendo ainda um ramo pequeno, ele inclui agora dezoito famílias e mais do que cinquenta membros. Mas presidentes de

ramo, bispos, vários oficiais de ala e estaca — todos convertidos por Ivar e pela mensagem que levava — vivem hoje em outras áreas da Igreja e continuam a ensinar o Evangelho de Cristo.

Minha Avó Sonhou que Estava Lendo

(dos escritos de
Lucetta Maria Marler Atkinson)

Quando minha avó, Lydia Downer Gates (nascida em 1810), era mocinha, ao levantar-se certa manhã contou à sua família que havia estado lendo um livro em seus sonhos durante a noite toda. Não se lembrava do nome do livro, nem o lera, mas podia lembrar-se distintamente de sua aparência.

Na manhã seguinte, Lydia anunciou novamente ter estado lendo o livro durante o sono, começando na parte em que parara na noite anterior e continuando durante a noite toda. Embora não pudesse lembrar de coisa alguma do que havia lido, estava profundamente impressionada com o fato de que o livro continha uma mensagem importante para toda a família, algo que seria de grande valor para todos eles.

Noite após noite o livro apareceu diante dela até que terminou a leitura. Isto levou tempo, e antes de terminar, Lydia levantava-se da cama todas as manhãs, sonolenta e exausta, como se houvesse perdido o descanso da noite.

Ela descreveu o livro detalhadamente para sua família, seu comprimento, largura, espessura, encadernação, tudo que lhes pudesse facilitar o reconhecimento caso o vissem. A família procurava-o em todas as livrarias onde quer que fossem; e se alguém chegasse à casa vendendo livros, examinavam cuidadosamente para ver se havia uma resposta à descrição feita por Lydia. Ela própria nunca deixou de procurá-lo nas casas dos outros. Lydia não podia deixar o pensamento de que ele continha informações valiosas para todos eles.

Algum tempo mais tarde, uma de suas tias pediu-lhe que fosse tomar conta de sua casa durante algum tempo, pois ela ia viajar. Lydia ficou satisfeita em poder atendê-la. Quando sua tia saiu, disse-lhe: "Lydia, se você quiser ler enquanto eu estiver fora, há alguns livros naquela arca"; e apontou para uma arca de madeira no quarto.

Assim que terminou seu trabalho, Lydia foi até a arca e começou a olhar os livros. Olhou um, depois outro, e os pôs de lado. E então, ao estender a mão para pegar um outro livro, diante de seus olhos estava o livro de seus sonhos! Seus dedos tremeram quando ela o pegou e aproximou-o de si. Um sentimento de alegria inundou-a. Falando da experiência, ela contou mais tarde: "Senti-me tão leve quanto uma pena; como se me fosse elevar até o teto. Abri o livro e co-

mecei a lê-lo, e, à medida que o fazia, lembrei-me de tê-lo lido todo antes. Li-o completamente e foi exatamente como ler um livro pela segunda vez." Era o Livro de Mórmon!

Quando os missionários vieram para Livonia, Michigan, E.U.A., Lydia e seu marido, Samuel Gates, foram batizados. Eles foram para o oeste com os santos e se estabeleceram em Lynne (atualmente Ogden), Utah. Sempre firme na Igreja, Lydia criou uma grande família e viveu até a idade de oitenta e quatro anos. Enviado por Karen Babcock
terceira bisneta de Lydia Gates.

O Livro de Mórmon Me Ensinou a Bíblia

John F. Heidenreich

Possuindo uma formação teológica e havendo despendido alguns anos como pastor de outra igreja, minha primeira leitura do Livro de Mórmon causou-me um grande impacto. Foi como ver uma vibrante cachoeira pela primeira vez. É um livro que não se pode ler com displicência. Suas alegações são grandes demais para que se as ignore.

Antes de minha conversão, eu estava tão doutrinado com o pensamento moderno e as interpretações liberais da Bíblia que muitas das escrituras pareciam irrelevantes. Eu não podia pensar claramente ao ouvir muitos teólogos indicando diferentes direções, proclamando: "Esta é a verdade!"



Sabia que não possuía a verdade unificante que desejava tão ardentemente. Em sua busca, cheguei ao Livro de Mórmon. Achei-o grandemente esclarecedor. Em minha fome pela verdade, li-o cinco vezes em um período de sete meses em um estudo comparativo com a Bíblia. Este foi o trabalho mais frutífero de mi-

nha vida, mais útil do que qualquer outro investimento semelhante de tempo que eu já fiz.

Minha descoberta mais surpreendente sobre o Livro de Mórmon foi a luz que lançou sobre a Bíblia. Inicialmente fiquei admirado de que pudesse acontecer isso, porém, mais tarde vim a compreender que Deus o planejou desta forma. A Bíblia e o Livro de Mórmon precisam vir juntos para suplementarem-se mutuamente no cumprimento de Ezequiel 37:16-17. "Tu, pois ó filho do homem, toma um pedaço de madeira, e escreve nele: Por Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros; depois toma outro pedaço de madeira, e escreve nele: Por José, vara de Efraim, e por toda a casa de Israel, seus companheiros.

"E ajunta um ao outro, para que se unam e se tornem um só na tua mão."

Eu sabia que o pedaço de madeira a que Ezequiel se referiu eram pergaminhos ou livros enrolados em paus. A referência não poderia ser ao Velho e Novo Testamentos, como sugeriam alguns eruditos, pois a tribo de José, através de Efraim, pouco tinha a ver com o aparecimento da Bíblia, fosse o Velho ou o Novo Testamento. Entretanto, a tribo de Judá estava identificada intimamente com toda a Bíblia. A tribo real de Davi veio através de Judá, como aconteceu com outros grandes reis e profetas da Bíblia, inclusive Jesus de Nazaré. Por outro lado, o Livro de Mórmon fora escrito ou condensado por grandes profetas, reis e juizes nefitas, os quais eram todos descendentes de José do Egito. A resposta parecia óbvia: A profecia de Ezequiel refere-se à Bíblia e ao Livro de Mórmon.

Então, muitos outros ensinamentos básicos da Bíblia com os quais eu estava intelectualmente familiarizado passaram a ter vida.

Eu nunca havia entendido o significado verdadeiro da queda de Adão como um passo necessário para a salvação eterna do homem. Quando li o Livro de Mórmon, aprendi que Adão não é um infame responsável pela degradação da raça humana conforme é interpretado pelo cristianismo ortodoxo. Ele e Eva, representantes de nossa condição humana, abriram mão de seu estado de inocência e assumiram a tremenda responsabilidade de fazer escolhas entre o bem e o mal.

Quão maravilhosamente doce é um bebezinho em sua inocência e pureza! Ao mesmo tempo, quão indescritivelmente trágico seria se esse bebê conservasse sua inocência e pureza permanecendo um infante, sem nunca crescer para assumir a responsabilidade por suas ações. Essas palavras do Livro de Mórmon tornaram-se preciosas e significativas: "(Se Adão e Eva não tivessem transgredido), não teriam tido filhos; portanto, teriam permanecido num estado de inocência, não tendo alegria, por não terem conhecido a miséria, não fazendo o bem, por não conhecer o pecado...

"Adão caiu, para que os homens existissem; e os homens existem, para que tenham alegria." (2 Néfi 2:23, 25.)

Sem dúvida Adão e Eva sofreram as consequências de fazerem algumas escolhas erradas, como nós também sofremos. Também tiveram a mesma alegria que advém das escolhas corretas, como nós também temos.

Também achei o Livro de Mórmon de especial ajuda na compreensão do livro de Isaías e da magnitude espiritual deste grande profeta do Velho Testamento. Muitas das suas profecias notáveis tornaram-se tão claras quando as examinei à luz do Livro de Mórmon que não podiam ser mal interpretadas.

Também aprendi no Livro de Mórmon a importante parte que os gentios devem fazer na ajuda à Israel para que esta reivindique as grandes promessas que Deus lhe fez no Velho Testamento — eles são um instrumento em suas mãos para trazer a redenção a toda a raça humana. (1 Néfi 22:3-12.)

Há, no Livro de Mórmon, dimensões de fé que apóiam os mesmos ensinamentos da Bíblia. Há também alguns aspectos únicos de fé no Livro de Mórmon que não são encontrados na Bíblia, como em Alma 32, onde a fé é contrastada com o conhecimento e comparada a uma boa semente. Este grande capítulo sobre a fé, no Livro de Mórmon adicionou muito ao meu entendimento dos ensinamentos da Bíblia sobre esse assunto tão evidente.

O coração do Livro de Mórmon é seu testemunho de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador. Este é também um dos principais assuntos que percorrem a Bíblia. O conceito do Livro de Mórmon referente à natureza divina de Cristo como Salvador acentua também o histórico Jesus à medida que ele se apresenta em todo o Novo Testamento. A idéia aventada por alguns oponentes do Livro de Mórmon de que temos a Bíblia e não precisamos de outra testemunha de Cristo é tão lógica quanto afirmar que por termos o Evangelho de Mateus não precisamos dos outros três Evangelhos que falam essencialmente a mesma coisa. O Livro de Mórmon dá o apoio e o testemunho individual à Bíblia, como cada um dos quatro Evangelhos fazem um ao outro.

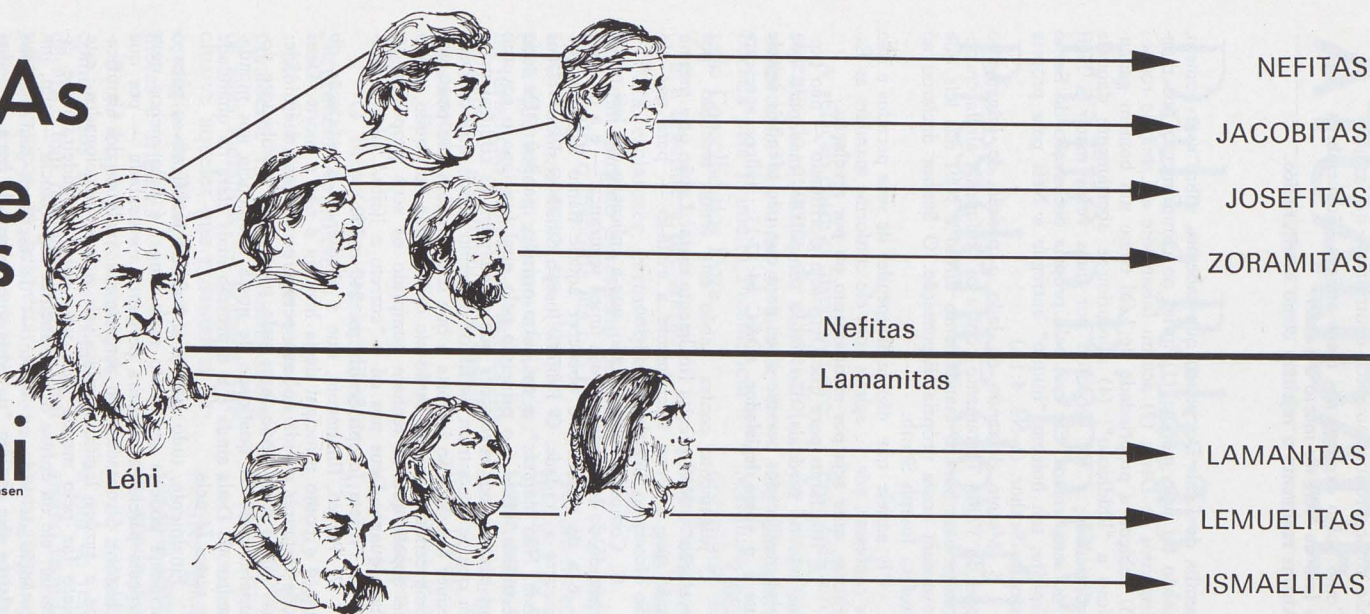
O ministério de Jesus na Palestina durou três anos e, entre os nefitas, apenas alguns dias, mas, ver a compaixão do Senhor pelas multidões nefitas e a sua reação irresistível a ele, conforme registrado em Terceiro Néfi, acrescenta muito ao quadro de sua vida terrena. Aprendemos que Jesus veio não somente para seu povo que estava em um lado do mundo, mas também para o do outro lado. Sua declaração do Novo Testamento: "Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco" (João 10:16), torna-se grandemente significativa.

O Livro de Mórmon é permeado pelo Espírito do Senhor, e quem quer que o leia com aquele mesmo Espírito saberá que é verdadeiro. Se você ama a Jesus Cristo, amará ao Livro de Mórmon, porque o livro testifica sobre ele.



As Sete Linhagens de Léhi

by Ross T. Christensen



Freqüentemente ouvimos falar apenas de dois grupos descendentes de Léhi — os nefitas e os lamanitas. Na verdade, sua descendência foi bem mais complexa. Durante os séculos antes de Cristo, os nefitas se dividiam em quatro grupos. Os lamanitas, por sua vez, estavam divididos em três linhagens. Assim, havia sete linhagens ao todo:

Nefitas	Lamanitas
nefitas	lamanitas
jacobitas	lemuelitas
josefitas	ismaelitas
zoramitas	

Os jacobitas e josefitas foram denominados segundo os irmãos mais moços de Néfi, que haviam nascido durante os oito anos passados no deserto da Arábia. (Vide

1 Néfi 17:4.) Os zoramitas foram nomeados segundo o servo de Labão, o qual passou a fazer parte da família de Léhi. (Vide 1 Né. 4:33-35.)

Os lamanitas e lemuelitas foram chamados segundo os irmãos mais velhos de Néfi, enquanto os ismaelitas descendiam do homem cujas filhas se tornaram esposas dos filhos de Léhi.

Durante o ministério de Cristo, o povo vivia unido, mas quando a apostasia destruiu a idade de ouro dos nefitas, por volta de 200 A.D., as sete linhagens voltaram a se destacar.

Nos anais nefitas, essas linhagens são mencionadas em três lugares diferentes, e sempre na mesma ordem. Aparecem uma quarta vez no livro de Doutrina & Convênios.

Essas passagens são: (1) Jacó 1:13, que corresponde mais ou menos à morte de Néfi, pouco depois de 543 A.C.; (2) IV Néfi 36-38, que corresponde a 231 A.D.; (3) Mórmon 1:8-9 que corresponde a 323 A.D.; e (4) Doutrina & Convênios 3:16-18, que data de 1828 A.D.

O período de tempo abrange a maior parte dos 1.000 anos da história nefita, sugerindo que as sete linhagens eram uma característica estável entre a posteridade de Léhi. Note-se também que o Senhor continuava reconhecendo sua existência uns mil e quatrocentos anos mais tarde, na atual dispensação.

Onde Estão as Sete Linhagens Agora?

A dispersão das sete linhagens de Léhi por todo o continente americano foi apenas parte da dispersão geral de Israel. Não sabemos

exatamente onde se encontram atualmente as sete linhagens, assim como desconhecemos o paradeiro das tribos perdidas de Israel. Essas linhagens, contudo, existem algures, pois em 1828, o Senhor prometeu que lhes seria dado conhecimento do Salvador. (Vide D&C 3:16-18.)

“Apesar disso, a minha obra irá avante, pois como o conhecimento de um Salvador veio ao mundo pelo testemunho dos judeus, assim também o conhecimento de um Salvador há de vir ao meu povo —

“E aos nefitas, e aos jacobitas, e aos josefitas e aos zoramitas, pelo testemunho de seus antepassados —

“E este testemunho virá ao conhecimento dos lamanitas, e lemuelitas e ismaelitas...” (D&C 3:16-18.)

Tenho Uma Pergunta



Jeffrey R. Holland, Comissário de Educação da Igreja.

Por que Néfi Matou Labão

Aqui estão pelo menos algumas coisas que tento manter em mente quando falo sobre a morte de Labão:

1. Néfi registra esta experiência em detalhe intencionalmente, embora suas placas menores fossem limitadas tanto em tamanho como em assunto. Por que teve ele o trabalho de preservar para os futuros leitores uma ação que para ele foi tão difícil realizar e que tem sido tão amplamente mal-interpretada? Por que não deixar simplesmente de citá-la? Por que, realmente, já que as placas menores deveriam ser limitadas a “coisas que agradam ao Senhor” e “de real valor para os filhos dos homens”? (1 Né. 6:5, 6.) Talvez em todas essas restrições exista uma pista sobre o que incluir.

2. É errado supor que Néfi tenha desejado de alguma forma tirar a vida de Labão. Ele era jovem, e a despeito de um mundo de 600 A.C. cheio de tensões e vinganças, ele nunca havia feito “correr sangue humano.” (1 Né. 4:10.) Nada em sua vida parece tê-lo condicionado para essa tarefa. Na realidade, os mandamentos que lhe haviam sido ensinados desde a infância, declaravam: “Não matarás”; e ele recuou, recusando-se inicialmente a obedecer aos influxos do Espírito.

3. Os estudantes da Bíblia não de lembrar-se de que o mesmo Moisés que recebeu no Monte Sinai esse mesmo mandamento contra um homem tirar a vida de outro, cantou também que o Senhor podia matar, assim como dar vida, ferir, assim como curar. (Deut. 32:39.) Na realidade, o próprio Moisés, ao descer do Sinai com os Dez Mandamentos tão vivos em sua mente quanto em suas mãos, fez com que 3.000 israelitas idólatras fossem mortos imediatamente. Observando-se com absoluta imparcialidade, simplesmente não se pode fazer uma careta de desdém quando Néfi tira a espada de Labão e, para a proteção de um povo inteiro, o mata, e depois, mudando-se a expressão facial, aplaudir com entusiasmo quando Davi tira a espada de Golias e, para a proteção de um povo inteiro, “tirou-a da bainha, e o matou, e lhe cortou com ela a cabeça.” (1 Sam. 17:51.) A Bíblia e o Livro de Mórmon estão claramente ombro a ombro com relação a esse assunto.

4. Labão, caído diante de Néfi em estado de embriaguez, não está sem culpa no que se refere aos seus tratos com a

Perguntas de interesse geral respondidas para orientação, não como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

Como posso explicar aos meus amigos não-membros o fato de Néfi ter morto a Labão?

Alguns realmente o rejeitam como escriturístico.

família de Léhi. Do pouco que sabemos sobre esse homem, Labão foi pelo menos: (1) infiel no cumprimento dos mandamentos de Deus; (2) acusou falsamente a Lamã de roubo; (3) cobiçou a propriedade de Léhi como um homem ganancioso e “libidinoso”; (4) apropriou-se abertamente daquela propriedade; e (5) procurou por duas vezes matar a Néfi e/ou seus irmãos. Ele era, pela própria declaração do Santo Espírito, um homem “iníquo” entregue a Néfi pela própria mão do Senhor. (1 Né. 4:13.)

5. Mesmo deixando de lado o padrão de julgamento legal do Velho Testamento contra os “iníquos”, ainda encontramos base para o mandamento direto a Néfi nas leis que governam nossa própria dispensação. O Senhor declarou ao Profeta Joseph Smith:

“E aquele que não se arrepender de seus pecados e não os confessar, vós... agireis com ele conforme mandam as Escrituras, **quer seja por mandamento ou por revelação.**”

“E isto fareis para que Deus seja glorificado — não porque não os perdoais, não tendo compaixão, mas para que sejais justificados perante a lei, **para que não ofendais àquele que é o vosso legislador.** (D&C 64:12-13; *itálicos acrescentados.*)

O julgamento contra Labão está sendo recebido “por revelação” e Néfi precisa finalmente matar Labão pela mesma razão que o levou inicialmente a evitá-lo — para que ele não ofenda ao “legislador” divino.

6. Compreendemos, então, que a aplicação das leis muda a mando do legislador. Nossa única segurança — e a de Néfi — é a de conhecer e obedecer àquele Santo Espírito que sussurra a verdade. O Profeta Joseph Smith ensinou: “Deus disse: Não matarás”; e em outra ocasião, mandou: “De todo destruí-las.” Este é o princípio pelo qual funciona o governo dos céus — por revelações que se adaptem às circunstâncias em que se encontram os filhos do reino. Tudo quanto Deus requer é justo, não importa o que seja, embora não possamos compreender por que razão ele ordena isso ou aquilo, senão até depois que se tenham cumprido os seus propósitos... Tudo quanto Deus nos dá é “correto e lícito.” (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, ps. 249 e 250.)

7. Parece, finalmente, que a obediência à revelação divina é o ponto principal desta história e não a morte. Deus pode restaurar a vida de uma pessoa no tempo e eternidade; mas quase nada pode fazer pela pessoa que desobedece voluntariamente. A qualidade de nossa obediência aos mandamentos de Deus ainda é a expressão mais clara da qualidade de nossa fé nele.

Finalmente, tudo isto (e a lista de justificativas para o incidente poderia ser muito mais longa) é pelo menos uma resposta parcial à primeira pergunta apresentada — por que a história é contada? Em acréscimo a qualquer dos significados e razões legítimas plausíveis acima mencionados, este relato faz pelo menos mais uma coisa verdadeiramente essencial: ele dá ênfase à monumental importância — sim, importância de vida ou morte — da escritura sagrada, dos registros que contêm “palavras que saíram da boca de todos os santos profetas.” (1 Né. 3:20.)

Aquele que não compreende a determinação inflexível de Néfi de entrar naquela cidade e obter aqueles registros, não importa se isto custasse a sua vida ou a de outros, nunca compreenderá por que foi tão fundamentalmente necessário trazer à luz o Livro de Mórmon nesta dispensação, ou por que as forças do inferno tanto tentaram arrebatar aquelas placas do menino profeta, ou por que cada um de nós precisa examinar as Escrituras e viver por toda a palavra de Deus. Assim como o povo de Néfi viajando pelo deserto, é “sábio no Senhor” que também nós levemos conosco os registros sagrados em nossa jornada em direção à terra prometida. (Vide 1 Né. 5:22.) Nossa única alternativa é “degenerar e perecer em incredulidade.” (1 Né. 4:13.)

ATUALIDADE

Dada a Relação Entre o Bispo e o Presidente dos Élderes

A relação entre o bispo e o presidente do quorum de élderes foi esclarecida em uma declaração liberada pela Primeira Presidência e pelo Conselho dos Doze.

É a seguinte a declaração:

Para esclarecer certas questões que têm surgido a respeito da relação entre o bispo da ala e o presidente do quorum de élderes; e para que haja a máxima eficiência na jurisdição destes dois líderes do Sacerdócio, acentuamos os seguintes pontos:

Bispo

1. O bispo é o presidente do Sacerdócio Aarônico.

2. O bispo é o sumo sacerdote presidente na ala e preside todos os seus membros — homens (inclusive aqueles que possuem o Sacerdócio de Melquisedeque), mulheres e crianças.

3. O bispo é o encarregado do comitê dos serviços de bem-estar da ala e tem responsabilidade total pelos serviços de bem-estar e outros assuntos temporais da ala.

4. O bispo é um juiz comum em Israel e tem a responsabilidade de entrevistar para conceder recomendações para o templo e de determinar a dignidade de todos os membros da ala. Aqueles que forem encontrados em transgressão podem ser convocados diante de um tribunal do bispo, que poderá desassociar qualquer membro de registro e excomungar qualquer mem-

bro, com exceção de um portador do Sacerdócio de Melquisedeque. Os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque que precisarem ação disciplinar adicional além da desassociação, devem ser encaminhados pelo bispo à presidência da estaca.

5. O bispo preside e dirige a reunião do comitê executivo do Sacerdócio da ala como encarregado. Como sumo sacerdote presidente, é ele que dirige esta reunião. Também preside e dirige a reunião do conselho de correlação da ala, onde correlaciona todos os programas para o benefício dos membros da ala.

6. O bispo, como o sumo sacerdote presidente, é encarregado do comitê executivo do Sacerdócio da ala, presidindo o programa dos mestres familiares da ala. Ele providencia para que cada família seja designada para um quorum ou grupo do Sacerdócio de Melquisedeque a fim de receber os propósitos do ensino familiar. Os líderes do quorum, grupo ou unidade do Sacerdócio de Melquisedeque supervisionam o ensino familiar e relatam os resultados ao bispo, nas entrevistas pessoais do Sacerdócio, que são realizadas mensalmente.

7. O bispo é responsável pelas atividades da ala perante o presidente da estaca.

Presidente do Quorum de Élderes

1. O presidente do quorum de élderes é diretamente responsável

pelas atividades do quorum. Ele é chamado e desobrigado pelo presidente da estaca.

2. O presidente do quorum de élderes preside os membros de seu quorum e recebe também a responsabilidade pelos élderes em perspectiva, um grande número dos quais são portadores do Sacerdócio Aarônico.

3. O presidente do quorum de élderes tem o dever de treinar cada membro do quorum e de ajudar os élderes e élderes em perspectiva a ficar ativos e responsáveis. Ele relata ao bispo o progresso e atividade de cada membro do quorum e de cada élder em perspectiva.

4. No cumprimento de sua responsabilidade para com os élderes e élderes em perspectiva, o presidente do quorum de élderes pode solicitar ao bispo e a outros líderes do Sacerdócio de Melquisedeque que designem sumos sacerdotes como mestres familiares, a fim de ajudar a reativar élderes, élderes em perspectiva e suas famílias. Em tais casos, os sumos sacerdotes relatam esses contatos do ensino familiar ao presidente do quorum de élderes.

5. O presidente do quorum de élderes tem a responsabilidade, tanto direta como indiretamente, através dos mestres familiares, de providenciar que os pais cumpram tanto seus deveres para com sua família como para com a Igreja. Entretanto, o presidente do quorum de élderes não preside as famílias desses irmãos. Por exemplo: ele não tem autoridade para chamar um marido e sua esposa ao escritório do bispado a fim de aconselhá-los sobre problemas matrimoniais nem para aconselhar os filhos dos membros do quorum. Tais assuntos devem ser encaminhados por ele ao bispo.

O presidente do quorum de élderes é responsável pelas atividades do quorum perante o presidente da estaca.

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE VALDEMAR CURY

Presidente da Estaca Rio de Janeiro Brasil

por José B. Puerta

Ao chegar à sede da Estaca, pude vislumbrar, logo mais, a figura simpática e cordial do presidente Cury, que, apesar de apresentar um ar bastante cansado por um longo dia de trabalho, mostrava o entusiasmo de um autêntico líder, que tem realmente a consciência e a responsabilidade do valor do seu chamado.

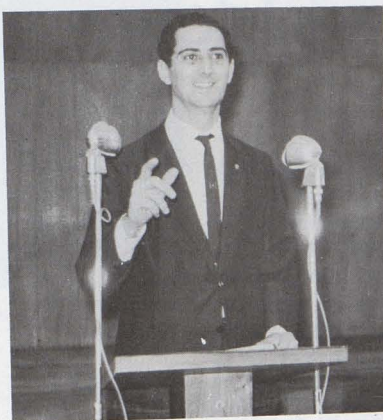
Filho mais novo de uma família de sete irmãos, nasceu aos 17 de fevereiro de 1933, em Itapiratiba, S. P. Aos cinco anos de idade, veio com seus pais, que são de origem libanesa, para São Paulo. Sua formação espiritual, como a da maioria dos brasileiros, foi tradicionalmente católica, mas deve a seus pais a orientação que mais tarde iria conduzi-lo para o caminho da verdade, que não hesitou em seguir.

O presidente Cury é casado com Maria Dirce Andrade Cury e o casal possui dois filhos, Matilde e Nagib Cury.

Desde muito jovem sentiu a necessidade de trabalhar pela comunidade e fazer o bem aos seus semelhantes de alguma maneira. Talvez tenha sido essa característica de sua personalidade que mais o identificou com o Evangelho de Jesus Cristo, o desejo sincero de amar e de servir. Filiou-se a outras organizações, mas nem estas nem sua educação religiosa lhe revelaram o verdadeiro significado da vida, como ele mesmo relata.

LIAHONA — Como conheceu a Igreja e quando foi batizado?

PRES. CURY — Foi em dezembro de 1966, por intermédio de uma vizinha. Minha vida no lar,



nessa época, era vazia e sem objetivo.

Logo nas primeiras aulas considerei que tudo tinha lógica; a existência de profetas e apóstolos fazia sentido, e apesar de nunca ter lido a Bíblia nem me interessado profundamente por assuntos religiosos, sempre acreditei profundamente na existência de Deus e de Jesus Cristo, em quem tinha muita fé, mas não encontrava um ideal na existência vã e passageira. Sempre senti falta de alguma base de apoio, que agora se apresentava diante de mim. Foi assim que depois de lermos e pesquisarmos as escrituras nos convertemos, e no dia 21 de janeiro de 1967 nos batizamos, eu e minha esposa, no ramo da Penha, que pertencia ao antigo Distrito de Tietê, em São Paulo.

Um fato que muito nos atraiu foi o de saber que essa era uma Igreja de trabalho, todos os mem-

bros tinham uma tarefa a fazer, um propósito a cumprir.

LIAHONA — Como o senhor encarou o Sacerdócio na ocasião?

PRES. CURY — Na ocasião do batismo, os missionários nada nos haviam dito sobre esse assunto. Pouco mais tarde fomos chamados para uma entrevista com o Presidente do Ramo, que nos falou sobre os horários das reuniões e quais as reuniões que minha esposa e eu deveríamos frequentar. Falou-me sobre a reunião do Sacerdócio, de que eu deveria participar. Então perguntei o que era Sacerdócio, e ele respondeu-me: "É o poder de Deus para agirmos em nome dele e você também poderá possuí-lo, dependendo da sua dignidade". Fiquei bem interessado a respeito do Sacerdócio e comecei a pesquisar bastante. Nessa fase começou realmente minha conversão, no sentido de transformação de vida, que se seguiu com meu chamado para a superintendência da Escola Dominical. Trabalhei na Penha durante alguns meses nesse chamado.

LIAHONA — Então, o senhor sentiu alguma mudança em sua vida. Como foi ela encarada pelos parentes e amigos?

PRES. CURY — A família de minha esposa achou muito bom e até mesmo apoiou. Com minha família já foi muito diferente: meus pais não aceitaram de modo algum a mudança para uma religião estranha, de que mal tinham ouvido falar e, pior ainda, quando tomaram conhecimento da lei do dízimo que já estávamos cumprindo. Então eu disse: se o Senhor nos dá saúde e nos concede a bênção do trabalho e cem por cento de remunera-

ção, por que não devolver a ele dez por cento do que nos deu? Nessa época eu tinha uma indústria de borracha para recauchutar pneus. Era uma indústria muito boa. Foi na ocasião em que houve uma restrição de crédito bancário e meu pai tinha um ótimo conceito de crédito nos bancos, e isso me facilitava bastante, apesar de eu não ser seu dependente nem sócio. Sua revolta contra minha obediência à lei do dízimo foi tal que o levou a todos os gerentes dos bancos onde tinha crédito, para dizer que, a partir daquela data não era mais responsável pelos meus atos. O fato causou certa preocupação, pois me prejudicou seriamente e tornou minha situação financeira precária. Tomamos, eu e minha esposa, a decisão de orar para encontrarmos uma solução, pois esta situação seria insustentável. Ocorreu-nos então a idéia de deixar a cidade. A vida financeira era péssima, havia perseguição da família e crítica acirrada por parte dos antigos amigos. Foi nesse clima tempestuoso que partimos de São Paulo e viemos aqui para o Rio de Janeiro.

LIAHONA — Como foi sua adaptação na Igreja aqui no Rio?

PRES. CURY — Bem, começamos vida nova e antes de viajarmos, vendi todos os bens que possuíamos e até a indústria. Passamos a pertencer ao Ramo da Tijuca e, nessa altura eu já havia sido ordenado élder. Fomos muito bem aceitos pelos membros daqui e nosso relacionamento social passou a ser somente com mórmons, o que veio contribuir bastante para a nossa integração definitiva.

Fui convidado para presidir o quorum de élderes e tomei então a iniciativa de reunir o grupo de élderes em minha casa, uma vez por semana, para estudarmos as escrituras. Na Capela havia poucas atividades e essas reuniões trouxeram bastante conhecimento para todos, além de estreitar os laços de amizade entre as famílias. Meses depois de nossa chegada, em outubro de 1967, fui chamado para ser segundo conselheiro do Distrito do Rio, presidido pelo irmão João Dias.

LIAHONA — De que maneira o senhor recebeu esse chamado?

PRES. CURY — Fiquei muito surpreso quando o presidente da missão me entrevistou. Considerava-me muito novo ainda na Igreja e julgava não ter conhecimento suficiente para assumir tal responsabilidade. Refletindo um instante, lembrei que no lema da nossa fé todos os chamados são feitos por inspiração e por isso não devem ser rejeitados. Passei então a exercer as funções de conselheiro do presidente Dias, com quem muito aprendi e que me ofereceu grandes oportunidades no desenvolvimento didático e espiritual. Seu auxílio esteve sempre presente nos primeiros tempos, quando a gente é sempre inseguro e receoso de tomar decisões e sente a tradicional tremedeira ao dirigir as reuniões.

Após seis ou oito meses como conselheiro do presidente João Dias fui chamado para presidente do Ramo da Tijuca, onde passei um ano.

LIAHONA — Como foi essa experiência no seu ponto de vista?

PRES. CURY — Foi uma época em que aprendi bastante e creio que é nessa função que se pode prestar maior ajuda às pessoas e amar mais diretamente nosso próximo. Tive a oportunidade de crescer muito no Evangelho através do estudo das escrituras e do convívio com os membros, conhecendo seus problemas, suas dificuldades e convivendo com pessoas mais antigas que eu na Igreja e na vida.

Depois de um ano, o presidente Dias foi transferido para Recife e então fui novamente chamado pelo presidente da missão para presidir o distrito. Trabalhei durante três anos como presidente, e contávamos nessa ocasião com dez unidades. No final dessa fase atingimos dezessete unidades, o que era bem difícil de administrar. Nesse período foi organizada a Estaca. Para tal organização foi preciso um trabalho intenso e participação ativa na liderança. A 21 de outubro de 1972 foi enfim organizada a primeira Estaca, quando fui chamado para servir como presidente, cargo esse que exerço até agora.

LIAHONA — Com quantas unidades começou a Estaca?

PRES. CURY — Começou com dez unidades, pois alguns ramos foram agrupados, formando uma só unidade e as mais distantes ficaram a cargo da missão.

LIAHONA — Atualmente, quantas unidades tem a Estaca?

PRES. CURY — Atualmente temos treze unidades, seis alas e sete ramos, num total de quatro mil e novecentos membros. Todas as unidades com seus comitês completos.

LIAHONA — Há alguma unidade mais distante?

PRES. CURY — Sim, a mais distante é Volta Redonda, a duas horas do Rio. Mantemos sempre contato, quase permanente, através de viagens ou por telefone ou por intermédio de um membro do sumo conselho.

LIAHONA — Existe alguma experiência espiritual na sua vida que tenha sido marcante?

PRES. CURY — Sim, uma delas foi meu casamento no Templo, que coincidiu exatamente com a data de aniversário da cerimônia civil realizada aqui no Brasil, dia 21 de Janeiro, em 1955, e em Salt Lake em 1970. Lá recebi, ainda, a bênção patriarcal por Eldred G. Smith, patriarca geral da Igreja, pois nessa época não tínhamos patriarca no Rio. Os endowments eu os recebi no Templo de Los Angeles. Outra experiência profundamente marcante foi também o selamento de meus filhos no Templo; Matilde, agora com quatro anos, e Nagib com dois; como homenagem a meus pais, ambos receberam os seus nomes, e já que não consegui convertê-los, pelo menos dois netos mórmons tem os seus nomes.

LIAHONA — Qual é a posição de seus pais, hoje, em relação a vocês e a Igreja?

PRES. CURY — Eles mudaram muito, aceitam-nos e respeitam muito nossa fé. Tanto assim que, apesar de eu ser o mais novo da família, comunicam-se frequentemente comigo, pedindo conselhos e orientação para os negócios ou modificações nos planejamentos e me consultam em todas as decisões importantes a serem tomadas por eles, em São Paulo. Eles puderam, afinal, entender a transformação radi-

cal de nossos hábitos sociais e pessoais como os pequenos vícios tão comuns nos não membros. Nossa modificação não foi passageira, como eles julgavam, e sim definitiva, um ato de profunda reflexão.

A paternidade trouxe também uma grande e maravilhosa experiência espiritual. Pude entender melhor o amor que nosso Pai Celestial tem por todos nós, e esse foi um sentimento jamais experimentado em minha vida. Nossa vida em família se tornou mais doce, mais unida, mais alegre nas reuniões familiares.

LIAHONA — Como sua esposa tem acompanhado sua grande tarefa?

PRES. CURY — Ela tem sido maravilhosa e muito valorosa e seu apoio é total. Às vezes passo o dia todo fora e chego das reuniões bem tarde e ela nunca se zanga.

LIAHONA — Como é baseada sua liderança na Estaca?

PRES. CURY — Minha meta tem seguido três princípios de Doutrina & Convênios e do Livro de Mórmon:

- 1 — D&C = 1:31 — Eu o Senhor não posso encarar o pecado com o menor grau de indulgência.
- 2 — D&C = 131:6 — É impossível ao homem ser salvo em ignorância.
- 3 — Mosiah = 2:17 — Quando estais a serviço de vosso próximo estais somente a serviço de vosso Deus.

É com essas escrituras escolhidas por nós da Estaca que resolvemos executar as funções e temos tido sucesso, graças também ao esforço de cada um. Por isso eu amo sinceramente meu povo e me considero um carioca de coração. Seria capaz de dar a minha vida pela felicidade deles se necessário fosse.

LIAHONA — Como o senhor se sente diante da aproximação da divisão da Estaca Rio de Janeiro?

PRES. CURY — Um entusiasmo pelo progresso da Igreja, uma sensação agradável de dever cumprido; no fundo, todavia, resta uma nostalgia por perder o contato com líderes e membros com os quais estávamos tão habituados. Enfim, nosso trabalho é o mesmo, nosso

comandante é o mesmo e o objetivo é igual para todos.

LIAHONA — Como os jovens de sua Estaca receberam o desafio do Presidente Kimball sobre o chamado missionário?

PRES. CURY — Temos atualmente quarenta e três jovens no trabalho missionário de tempo integral, fato que nos trouxe os parabéns de élder Bruce McConkie, quando de sua visita a esta Estaca. Adiantou-nos que essa é a estaca que tem o maior número de missionários. Fiquei bem feliz por sermos campeões da América Latina. Em breve estaremos com mais dez missionários, todos espalhados pelo Brasil e alguns em Portugal.

Essa alta porcentagem foi conseguida de modo bastante especial. Logo após o desafio do Profeta organizamos uma conferência de jovens, fizemos com que toda liderança e todos os oradores nesse dia falassem sobre o trabalho missionário, da importância de servir em missão. E isso provocou uma reação fabulosa. No dia reservado ao testemunho, durante quatro horas os jovens prestaram testemunho sobre a obra missionária. Em conversa com eles, pude notar a transformação de todos e o desejo de trabalharem no engrandecimento do Reino.

Quando eles partem para missão e enviam cartas, que leio com minha esposa, verificamos com assombro a transformação e o fortalecimento do testemunho desses jovens, e choramos de emoção. Relembro com clareza as palavras do profeta Joseph Smith: "A maior transformação não é a ressurreição dos mortos e sim a transformação dos homens."

Temos organizado boletins dos missionários da Estaca e imprimimos, mensalmente, notícias sobre os acontecimentos da Estaca e as experiências de cada um deles para que todos tomem conhecimento do progresso que alcançam.

LIAHONA — Sabemos do sucesso do seminário no Rio; o senhor acredita que ele possa ter influenciado os missionários e futuros missionários?

PRES. CURY — Ele tem dado boa motivação. Somente conhecen-

do as escrituras o jovem sente o desejo de ensinar alguém. Procuro dar o máximo apoio ao seminário, pois tenho conhecimento da necessidade do trabalho da juventude que só o seminário pode conseguir. A nossa média de frequência é de duzentos jovens.

No feriado de 7 de setembro, com a presença do élder Bruce McConkie, tivemos uma reunião com quinhentas pessoas entre pais e filhos. Falei-lhes da necessidade de os pais assumirem o seu papel como o cabeça e patriarca da família.

LIAHONA — Como os membros de sua Estaca têm encarado a construção do Templo de São Paulo?

PRES. CURY — Com muita alegria e carinho, eles têm contribuído normalmente, e com certeza completaremos nossa quota no prazo previsto.

Temos uma meta de construção de capelas aqui, que também tem recebido muitas contribuições. No início da Estaca existia só a capela da Tijuca. Hoje, quatro anos depois, contamos com sete capelas construídas. A meta para os próximos anos é que cada ramo ou ala tenha sua própria capela construída.

LIAHONA — O senhor gostaria de deixar uma mensagem especial antes da divisão da Estaca?

PRES. CURY — Quero agradecer aos meus conselheiros e líderes que trabalharam comigo, dedicando todo seu empenho e amor no trabalho. Foi uma experiência maravilhosa poder estar nessa atividade durante esses três anos inesquecíveis.

Desde o início da Estaca tenho desafiado os bispos e presidentes de Ramos a treinarem seus conselheiros e os executivos das organizações para os substituírem e eles estão todos capacitados a assumir a liderança a qualquer momento.

Nada mais justo que eu desse o exemplo procedendo da mesma forma, treinando meus conselheiros a serem presidentes de Estaca. Tenho certeza de que eles estão aptos a serem presidentes de Estaca em qualquer ocasião, ou todo bispo da nossa jurisdição poderá

ser um bom presidente de Estaca.

Quero mais uma vez agradecer o apoio que todos eles me deram. Em minha liderança nunca tive o desprazer de ter que desobrigar um bispo, um líder do Sacerdócio ou qualquer outro liderado por desobediência ou infidelidade às nossas instruções.

O meu agradecimento igualmente sincero a todas as organizações. Foram todos fabulosos no desem-

penho de suas funções. O sistema de treinamento por eles adotado foi excelente.

O povo carioca realmente é maravilhoso, fiel e obediente. Sinto-me carioca de coração e quero deixar com eles meu amor e agradecimento.

Nota do redator:

Esta entrevista foi realizada na mesma semana da divisão da estaca.

Meu Testemunho

Lendo em uma Liahona o relato de uma conversão, senti que também deveria compartilhar o fato mais importante que ocorreu em minha vida: minha conversão.

Sou de uma cidade fronteira com o Uruguai. Aos cinco anos de idade perdi minha mãe e fui adotada por um jovem casal sem filhos.

Cresci dentro dos moldes protestantes, freqüentando regularmente os cultos, mas era uma garota tímida e retraída, portanto, de pouco relacionamento social.

Aos quinze anos tive uma grande amiga uruguaia, com quem costumava passear todas as tardes. Um dia ela convidou-me para um fim de semana em sua cidade.

Foi com grande alegria que recebi a permissão de meus pais e para lá me dirigi. Assim que cheguei, fui convidada pela família que já estava de saída, para assistir a uma reunião da Igreja Mórmon. Estranhei muito esse nome que nunca ouvira antes.

Durante a reunião, um fato chamou-me particularmente a atenção: o discurso de uma jovem com carregado sotaque brasileiro, numa cidade do Uruguai. Ela falava sobre a oração e suas palavras eram firmes e sinceras e sua espiritualidade, profunda.

Ao terminar a reunião fomos apresentadas. Tratava-se de sister Sandra Puerta, uma jovem missio-

nária de São Paulo. Depois de um breve diálogo ela perguntou-me se queria saber mais sobre a Igreja e marcou uma visita em minha casa.

Nas primeiras palestras, eu e minha mãe mostramos vivo interesse pela doutrina e logo meu pai também aderiu a nós com igual entusiasmo. Concluídas as aulas, no dia 26 de novembro de 1970, entramos nas águas do batismo. Foi um dia maravilhoso, o mundo sorria para nós e o sol brilhou como nunca.

Sister Puerta, infelizmente, não estava presente nesse dia. Havia sido transferida, mas foi informada mais tarde do nosso batismo.

Desde essa época temos sido muito abençoados pelo Senhor. Há cinco anos ele deu aos meus pais a alegria de um lindo bebê que é o orgulho de nosso lar, e a mim, a oportunidade de retribuir ao próximo o dia de sol mais brilhante: o chamado missionário.

Durante os primeiros anos de nossa conversão, fomos os únicos S.U.D. de nossa cidade. Era um pouco difícil e embaraçoso, mas as bênçãos do Senhor mais uma vez estiveram sobre nós. Hoje contamos com um Ramo em Quaraí e meu pai é o presidente. Muitos batismos estão acontecendo e várias famílias se tornaram membros fiéis naquela pequena cidade no extremo sul do Estado gaúcho.

Depois dessas experiências maravilhosas, especialmente esses dez meses de missão, só me resta dizer: Obrigado, Senhor, por ter-me escolhido para receber o Evangelho nesta última dispensação.

Sister Enilda Pereira

Missão Brasil-Porto Alegre

Declarações da Igreja Sobre o Aborto

Reafirmando a política da Igreja concernente ao aborto, a Primeira Presidência está publicando a seguinte declaração oficial sobre este assunto:

— A Igreja é contra o aborto e aconselha seus membros a não se submeterem a tal prática, dela participar ou praticar o aborto, exceto nos raros casos, quando por conselho de um médico competente, a vida ou a saúde da mãe estiver seriamente ameaçada, ou a gravidez tenha advindo em virtude de estupro e produzido sério trauma emocional à vítima. Ainda assim, deve ser feito depois de consultados o bispo ou presidente do ramo e depois de receber a confirmação divina através de oração.

“O aborto é uma das mais revoltantes e pecaminosas práticas destes dias, quando testemunhamos evidências fortes do excesso de liberdade que precede a imoralidade sexual.

“Membros da Igreja, culpados de participar do pecado do aborto, devem ficar sujeitos à ação disciplinar dos julgamentos da Igreja, como as circunstâncias o requerem. Ainda com respeito a este sério problema, seria bom recordar as palavras do Senhor contidas em Doutrina e Convênios, Seção 59, versículo 6: “Não furtarás, nem cometerás adultério, nem matarás, nem farás coisa alguma semelhante”.

“Pelo que tem sido revelado, o aborto é um dos pecados em que a pessoa deve arrepender-se e receber o perdão.

"Cada Membro Um Missionário"

por José B. Puerta

Floriano de Oliveira fez, certa vez em sua vida, o mais arrojado desafio a um passageiro que conduzia em seu táxi: "Se você conseguir apresentar-me um homem que converse com Deus e me converter à sua fé, provando que tudo isso é verdade, eu me proponho a ajudá-lo em seu trabalho."

Realmente essa era uma atitude muito arrojada para aquele pacato trabalhador paulistano, cuja rotina diária consistia na preocupação em prover o sustento de sua família e um bate-papo com um grupinho de amigos de vez em quando.

Casado com Regina F. de Oliveira e pai de cinco filhos, o irmão Floriano, de 48 anos, líder dos Setenta na Ala XIII da Estaca São Paulo Oeste Brasil, conta a respeito de sua conversão e do seu testemunho do Evangelho à Liahona:

— "Todas as manhãs saía bem cedo de casa com meu táxi e trabalhava normalmente como qualquer motorista de praça. Um dia, peguei um passageiro muito especial: um missionário que estava sendo transferido da capela de Vila Mariana para o Ipiranga. No caminho ele perguntou-me se conhecia um homem que falava com Deus. Respondi-lhe numa atitude desafiante e um tanto zombeteira, que não acreditava que alguém pudesse falar com Deus. Em todo o caso, se ele conhecesse essa pessoa poderia apresentar-me, seria um prazer.

Ao chegarmos ao destino do jovem passageiro, ele pediu meu endereço, anotou, pagou a corrida e despediu-se cordialmente.

Cinco dias depois, bateram à minha porta dois rapazes americanos. Um deles não falava muito bem o português, era recém-chegado ao Brasil, o outro já estava

bem ambientado. Disseram-me que tinham vindo a minha casa para mostrar-me o homem que falava com Deus.

Logo nos primeiros dias de palestra, o missionário que falava melhor nossa língua foi transferido, ficando a dura batalha para o novato élder Green. Como ele tinha muita dificuldade de expressão,



Irmão Floriano
em seu novo trabalho

prometi-lhe que se me provasse a verdade de tudo o que ensinava e conseguisse converter-me eu iria ajudá-lo em seu trabalho.

Meses se passaram sem que eu e minha família resolvêssemos ir à Igreja, apesar das visitas e explicações freqüentes. Num domingo, por insistência do meu filho, fomos assistir a uma reunião. As pessoas eram muito amáveis e comunicativas, pareciam todos compartilhar de uma grande alegria e desprendimento que me contagiou imediatamente, e essa alegria aumentou a tal ponto, que eu não podia escondê-la e contava a todos sobre esse sentimento novo que já estava modificando minha vida, mesmo antes da conversão. Com-

pletei as palestras, agora com muito mais interesse, mas não me batizei imediatamente. Sentia que estava diante da decisão mais importante de minha vida e deveria ser um ato de profunda reflexão. Fiz várias perguntas, falei da minha insegurança e de meu desejo sincero de me certificar da verdade. A verdade surgiu em minha frente quando li no Livro de Mórmon em Moroni 10:4 — "E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo."

Convidei minha esposa para comigo perguntar a Deus se essas coisas eram verdadeiras e seguindo as instruções dos missionários fizemos uma oração de joelhos, pedindo uma resposta ao Pai. Então, começamos a experimentar uma grande paz e nossas ansiedades se dissiparam e aí ocorreu um fato curioso.

No dia seguinte da nossa comunicação com o Pai, os missionários ao me procurarem, mudaram de idéia e não bateram à minha porta, seguiram em frente. Chegando ao fim da rua, decidiram voltar à minha casa e perguntar por mim, e dessa maneira foi esclarecido tudo o que precisávamos sobre a verdade. Eu sempre desejei saber das coisas em profundidade; queria respostas que me satisfizessem. E digo mais, só se permanece no Evangelho e só se adquire testemunho estudando as escrituras, do contrário nenhuma fé, nenhum testemunho, poderá ter uma base sólida.

Sinto como que uma grande explosão dentro de mim: preciso



Presidente Puerta e irmão Floriano, no pátio do CEB

falar do Evangelho a todas as pessoas, dizer que ele foi restaurado por Jesus Cristo através de um profeta. Tenho certeza de que estou dizendo a verdade e não tenho medo de falar às pessoas.

Após o batismo realmente cumpri a promessa feita ao élder Green, de ajudar no trabalho missionário e tenho ajudado até hoje

o máximo possível. Todos os dias falava da Igreja aos passageiros que transportava no meu táxi, distribuía folhetos do profeta Joseph Smith e pedia o endereço àquelas pessoas que se mostravam interessadas. Desse modo consegui muitas ovelhas para o rebanho de Cristo.

Depois que deixei o táxi e fui exercer outras profissões, não parei minha campanha de divulgação da fé verdadeira. Aproveito todas as oportunidades que tenha, até mesmo no ônibus com o companheiro de banco, puxo um assunto qualquer e então conduzo a conversa para as perguntas de ouro. É claro que nem sempre sou bem sucedido; às vezes as pessoas se aborrecem e demonstram sua irritação de maneira pouco gentil. Mesmo assim, tenho um saldo muito positivo de conversões: trouxe para a Igreja, aproximadamente, duzentas e trinta pessoas que estão distribuídas pelas unidades do Aeroporto, S. Amaro, S. André, Jabaquara e outras. Muitas delas se destacaram e vêm se destacando em cargos de liderança, e isso traz uma alegria imensa para mim.

De grande importância para uma conversão é ainda o convívio com os membros: a experiência e o amor deles acrescidos de uma

atmosfera de cordialidade e ajuda, podem contribuir muito para aqueles que investigam, sendo muitas vezes até um fator decisivo. Para mim e minha família ajudou muito.

Aproveito a oportunidade para deixar meu testemunho sobre o programa S.I.G.A. que nos é dado por inspiração ao profeta de Deus. Todos os que o seguirem terão êxito, sem dúvida.

Como portador do Sacerdócio que é um escudo para nós e nos ajuda a destravar a língua no contato com as pessoas, quero lembrar as palavras do profeta David McKay: "Cada membro é um missionário", hoje completadas pelo Presidente Kimball: "De família a família pregai o Evangelho". E não poderia ser de outra maneira, pois Evangelho e família são duas instituições eternas, estão correlacionadas.

Encerrando, gostaria de citar em D&C uma frase de reforço para cada um de nós. "E em todos os tempos e em todos os lugares, tanto de dia como de noite, deverá abrir sua boca e declarar o Meu Evangelho, como com voz de trombeta. E dar-lhe-ei força tal como não é conhecida entre os homens." (D&C 24:12)

Notícia Sobre o Templo

A GRANDE OBRA

por Maria Antonia Brown

A grande Obra inspirada pelo "Mestre dos Arquitetos", continua em franco progresso no seu andamento. Este é o décimo sétimo templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em todo mundo e o primeiro na América do Sul, motivo de grande bênção para o Brasil e, particularmente, para a Capital paulista.

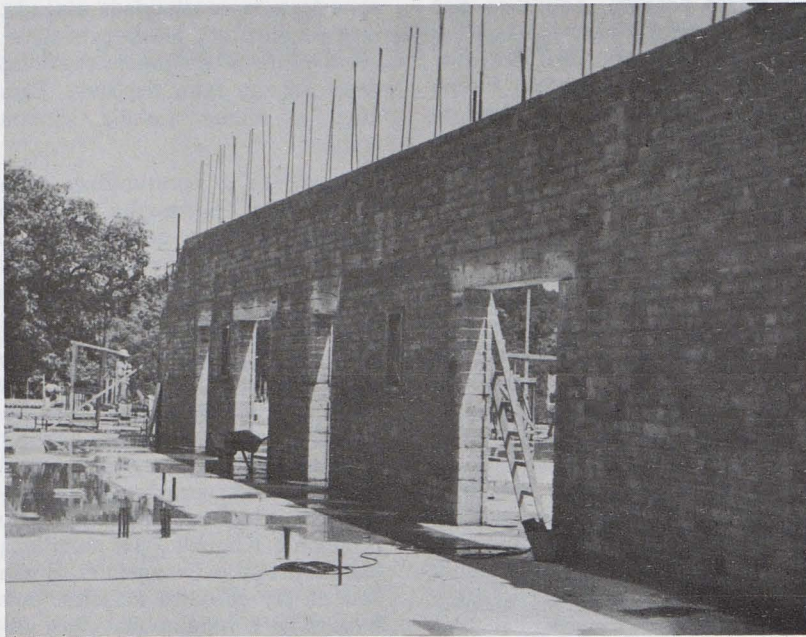
O edifício será constituído de um subsolo, reservado para sala das máquinas. Um andar térreo

onde serão feitas as ordenanças sagradas e apenas mais um andar elevado, também destinado para fins sagrados.

No andar térreo as paredes já estão quase ao nível de serem cobertas e no subsolo o chão está pronto para receber o piso. Esta estrutura está assentada sobre um alicerce cuja resistência pode aguentar dez andares aproximadamente. O objetivo dessa reforçada base é o de torná-lo um prédio de

longa duração, capaz de resistir à ação do tempo e do homem. Para isso, estão sendo empregados materiais de primeiríssima qualidade, criteriosamente ajustados. Este fato tem causado surpresa aos fornecedores, principalmente os de ferragens para a estrutura. A quantidade de material consumida é realmente espantosa para as dimensões projetadas.

O pagamento aos fornecedores tem seguido no mesmo ritmo do trabalho, ou seja, pontualmente



As paredes da Sala Celestial se erguem

em dia. "Uma Obra Celestial deve expressar honestidade e perfeição no seu todo", assim declarou o irmão Lucas, secretário e contador do Élder Jensen, supervisor desta construção.

Para a construtora Christiani & Nielsen, impactos fortes já se tornaram parte da rotina diária. Para se confirmar, basta notar a espessura das paredes que é de mais de um palmo de largura.

O topógrafo da obra diz que esta é a fase de sua vida que realmente está branqueando seus cabelos, tal é a complexidade de seu trabalho.

Na última visita de Emil Fetzer, arquiteto da Igreja, a Élder James E. Faust, foram tratados assuntos de suma importância, como por exemplo, o material de revestimento do templo. Um mármore italiano de imaculada brancura deverá ser usado nas paredes internas, talvez o mesmo não seja possível para o acabamento externo, por ser o mármore não muito resistente à ação desgastadora da poluição. Possivelmente serão usadas pedras brancas no revestimento externo. Outro problema também a ser resolvido são os lustres de cristal lapidado a mão; por serem

eles muito trabalhosos e de muitos detalhes, ainda não foi encontrada indústria que aceitasse a encomenda.

Nesta mesma área de vinte e dois mil metros quadrados, funcionam com igual entusiasmo mais dois comitês de construção: o da sede da Estaca São Paulo, onde funcionarão duas Alas, e o do escritório da Missão Brasileira. Cogita-se ainda de construir outros escritórios no espaço restante do terreno.

Outra preocupação da Igreja, mas ainda não solucionada, é a de

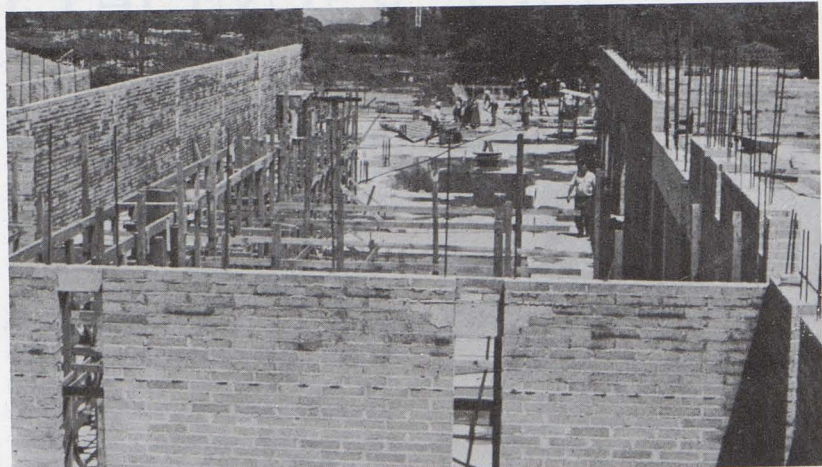
como facilitar a acomodação em hotéis e alojamentos para membros que vierem de cidades ou países distantes visitar a Casa do Senhor, futuramente.

O templo de São Paulo não terá as mesmas dimensões do templo de Salt Lake, por exemplo, pois sua finalidade será trabalhos, como endowment, selamento e trabalho vicário pelos mortos.

Em toda a América do Sul existe um grande entusiasmo por parte dos S. U. D., principalmente dos argentinos que, apesar de terem maiores dificuldades com a inflação, têm cumprido suas quotas no mesmo nível dos brasileiros e até doações em jóias e um dente de ouro, provavelmente oferecidos por pessoas menos abonadas financeiramente, foram feitas por aquele povo para serem convertidas em dinheiro.

Os membros norte-americanos, apesar de não terem sido solicitados a colaborar, já participaram com a mesma quantia requerida por todo o Brasil, fato que demonstra a importância e o valor que tem para eles esta Casa, onde quer que ela esteja localizada. Pode-se sentir também através deles, o espírito de sacrifício e renúncia necessário para cumprir esta designação e as bênçãos maravilhosas que o Senhor tem reservado para os justos que se empenharem com vigor nesta grande realização.

Este é um tempo de Templo, ou seja, um tempo de sacrifício.



Vista parcial das obras do Templo



Presidente Spät falando à Congregação

Estaca São Paulo Reune-se para Conferência

Realizou-se no dia vinte um de novembro passado a 42.^a conferência da Estaca São Paulo. Sob a direção do Presidente Walter Spät estiveram reunidas cerca de setecentas pessoas, louvando ao Pai com hinos e oração.

O primeiro orador da conferência foi o presidente Spät que prestou testemunho da veracidade da Igreja e da restauração do Evangelho por um profeta. A seguir relembrou à congregação presente a importância da conservação de alimentos e das doações ao templo para que rapidamente possamos atingir as cotas requisitadas para o Brasil. Lembrou, também, nesta ocasião, as dificuldades que o mundo enfrenta e a necessidade de maior aproximação ao Senhor, através da caridade e do jejum. Frisou a importância do trabalho genealógico, missionário e o programa SIGA.

A irmã Aurea Marcelino, segunda oradora, falou da importância das decisões a serem tomadas em nossas vidas, do amor e obediência aos líderes locais.

Designado membro do sumo conselho o irmão João Bonati expressou sua alegria em poder servir junto à SAM e no serviço de bens móveis e imóveis.

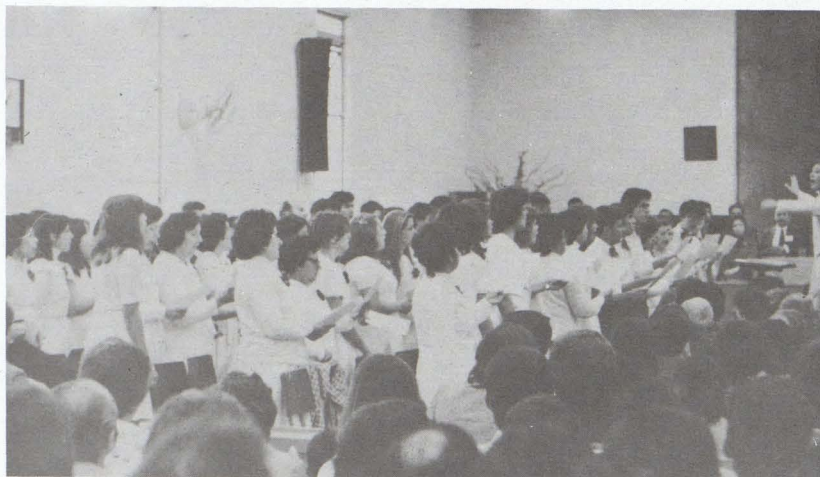
Os agradecimentos e a satisfação em poder ter servido na causa do Senhor foram palavras do irmão Manoel Marcelino Neto, recém-desobrigado do cargo de conselheiro do Presidente Spät, que aproveitou a oportunidade para dizer que a verdadeira felicidade está em obedecer as designações do Senhor e viver para sua causa, esforçando-se ao máximo para cumprir com as promessas feitas a ele.

O presidente Darcy Correa, primeiro conselheiro do Presidente Spät, falou de sua viagem aos Estados Unidos por ocasião da última conferência na Sede da Igreja, e dos conselhos do profeta e dos apóstolos proferidas naquela ocasião.

A conferência encerrou-se com um pronunciamento do Representante Regional dos Doze, irmão Antonio Carlos de Camargo. Falou a respeito do sacrifício para se obter fé e glória Celestial.

Encerrou dizendo que devemos estar devidamente aptos para o "plano de aposentadoria" Celestial e podermos ser herdeiros das bênçãos do Pai Amado e repetiu novamente que para tal devemos desenvolver um espírito de sacrifício e estarmos prontos a servir.

Conferência da Estaca São Paulo Leste Brasil



Coral da Estaca Leste canta na Conferência

Realizou-se no dia 28 de novembro de 1976 a Conferência trimestral da Estaca São Paulo Leste Brasil, na Capela de Vila Mariana (Ala I) presidida e dirigida pelo presidente Demar Staniscia.

O primeiro e segundo oradores, foram respectivamente, Suely e Milton Cenko. O casal prestou testemunho sobre a veracidade da Igreja, do casamento no Templo, e das bênçãos do pagamento do dízimo e da nova alegria em seu lar na preparação para a chegada do primogênito. O irmão e irmã Cenko que há quatro anos desejavam ansiosamente um bebê, foram abençoados pelo Elder Faust que lhes garantiu sem dúvida alguma a vinda desse filho. Ambos encerraram seus testemunhos, manifestando amor e gratidão ao Senhor.

Em seguida falou a sister Maria Aparecida Aquino, missionária que acabava de retornar à sua unidade, após ter concluído seu trabalho missionário de tempo integral.

A ex-missionária relatou algumas de suas experiências na vida missionária e agradeceu ao Senhor pela bênção e felicidade de poder servi-lo nesse trabalho.

Elder Santos, missionário em exercício de suas funções, prestou seu testemunho também nessa oportunidade. Acrescentou que aguardava apenas o restabelecimento de sua saúde para retornar às suas funções, uma vez que se encontrava em licença médica por curto período.

Elder Roberto Florêncio de Oliveira, novo missionário ordenado, de partida para a missão apresentou sua despedida e seu testemunho.

Presidente Borba, 2.^o conselheiro da presidência da Estaca, falou sobre como

estabelecer um melhor relacionamento entre pais e filhos, salientando que crianças e adolescentes admiram muitos heróis, mas esses estão muito distantes e os garotos devem tomar como exemplo, heróis mais próximos como seus pais.

Ressaltou a importância da comunicação direta dos pais com os filhos. Os pais devem encontrar tempo para conversar e orientar suas crianças, e usar uma linguagem ao nível delas.

Lembrou que essa é uma exortação da Primeira Presidência e deve ser cumprida por todos os membros que tiverem filhos.

Presidente Rodamés Sceppa, falou da bem-aventurança dos que não viram e creram. Mencionou o convívio de Cristo com seus Apóstolos e a incredulidade de Tomé.

O último orador da conferência foi o presidente Demar Staniscia, que após prestar breve homenagem à brilhante participação do coro de sua estaca, admoestou aos membros acerca das Escrituras que dizem que somente os fiéis e os que perseverarem até o fim serão salvos.

Lembrou também da necessidade de obtermos as chaves para vencermos as ciladas do Satanás. Para tal é necessário ter fé, conhecer as Escrituras e cumpri-las.

Citou a tentação de Cristo em Mateus 4:3-11 e a sua superioridade diante dela por conhecer o que estava escrito pelo Pai.

A conferência, que teve a presença de 800 pessoas aproximadamente, encerrou-se às 12 horas com cânticos e oração.

Tu, pois, ó filho do homem,
toma um pedaço de madeira, e escreve nele:
Por Judá e pelos filhos de Israel,
seus companheiros.
E toma outro pedaço de madeira, e escreve nele:
Por José, vara de Efraim, e
por toda a casa de Israel, seus companheiros.
E ajunta um ao outro,
para que se unam, e se tornem
um só na tua mão.

Ezequiel 37: 16,17

